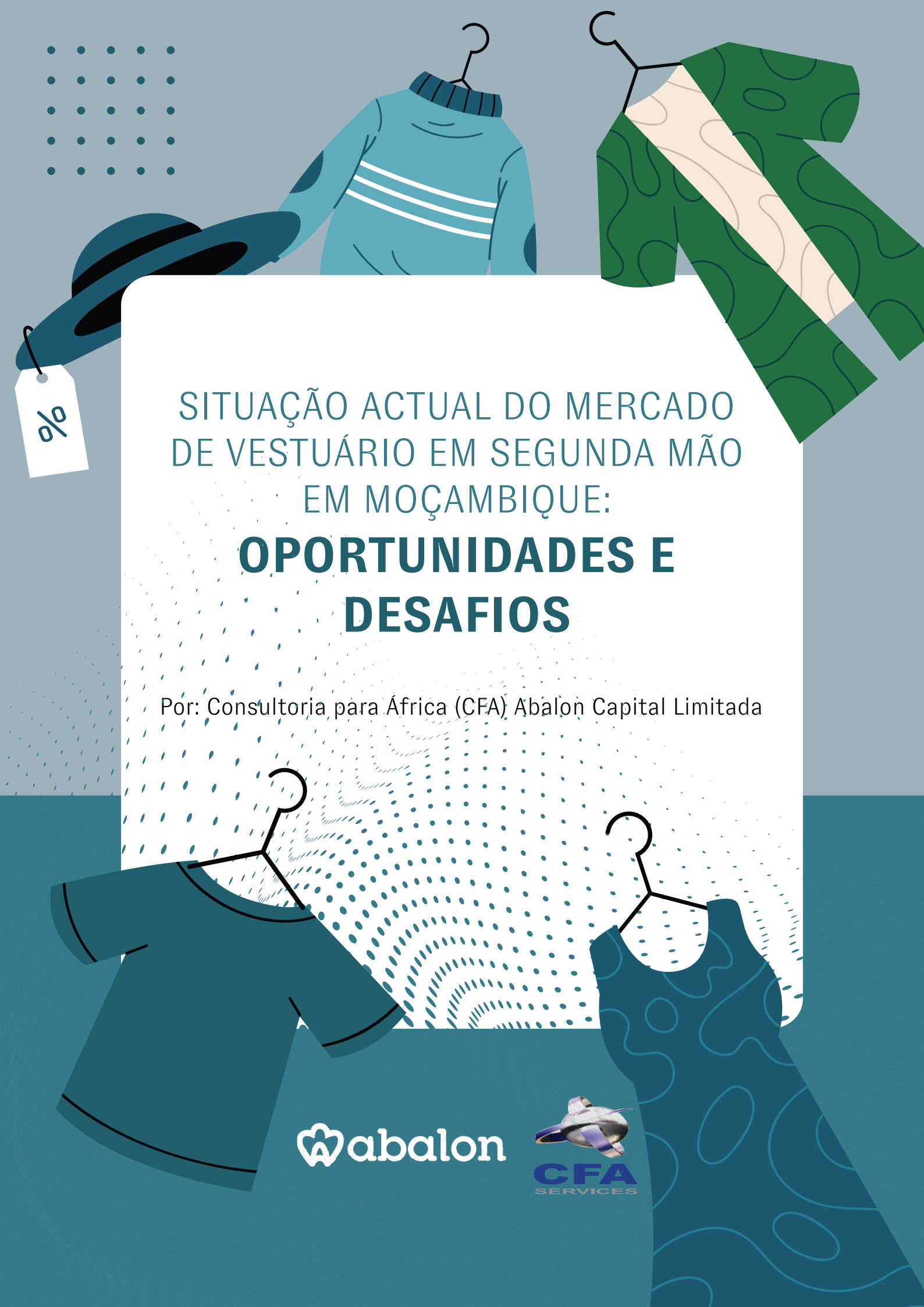




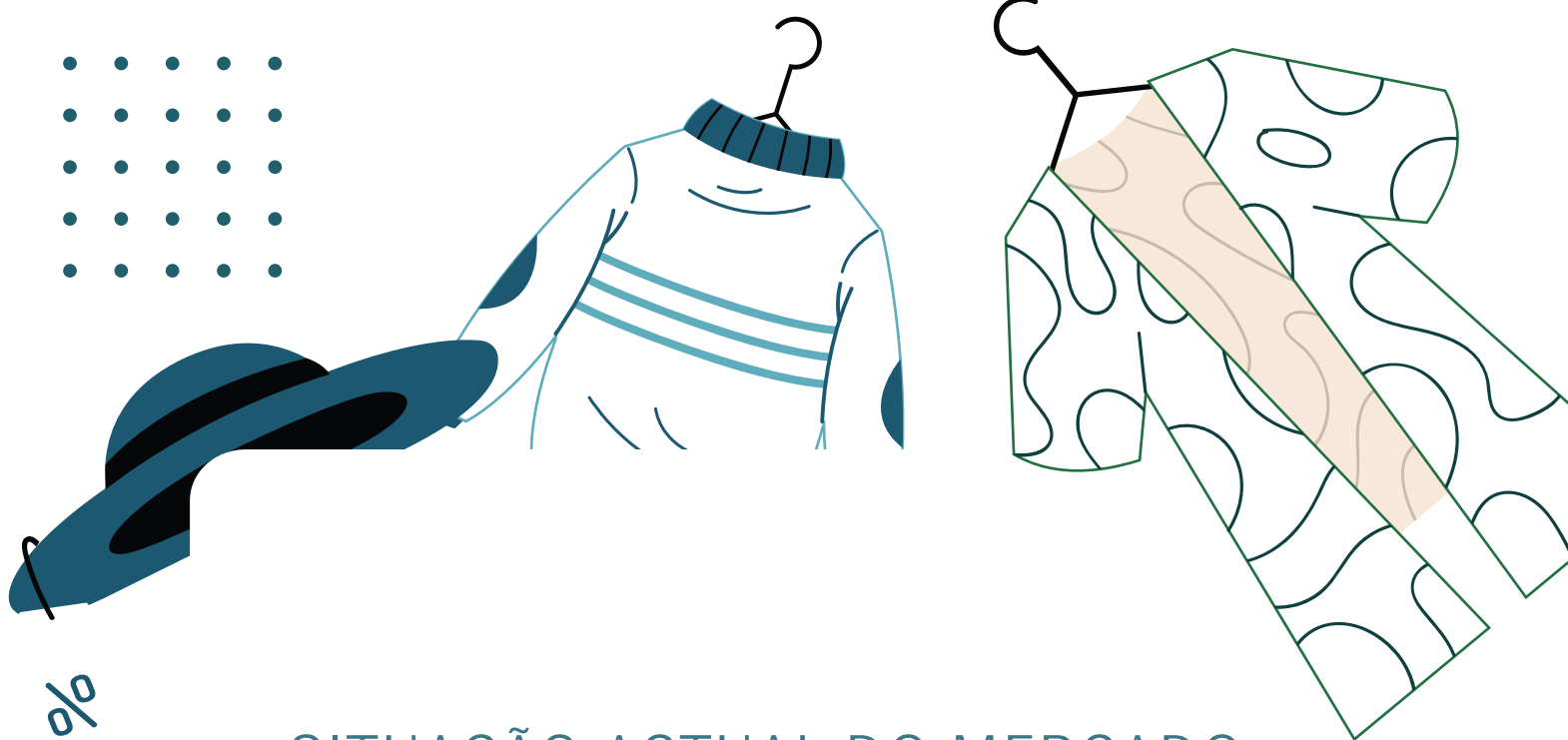
SITUAÇÃO ACTUAL DO MERCADO
DE VESTUÁRIO EM SEGUNDA MÃO
EM MOÇAMBIQUE:

OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Por: Consultoria para África (CFA) Abalon Capital Limitada

 abalon

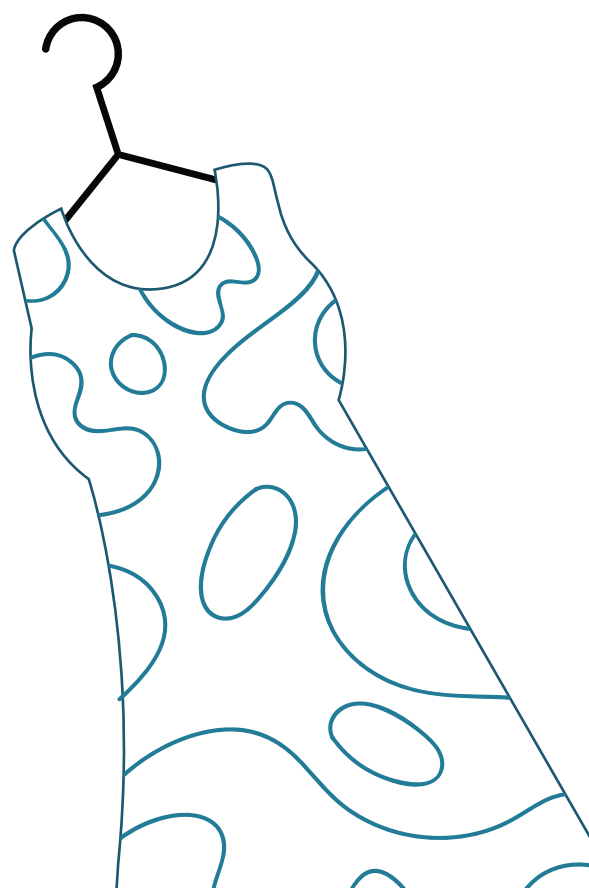
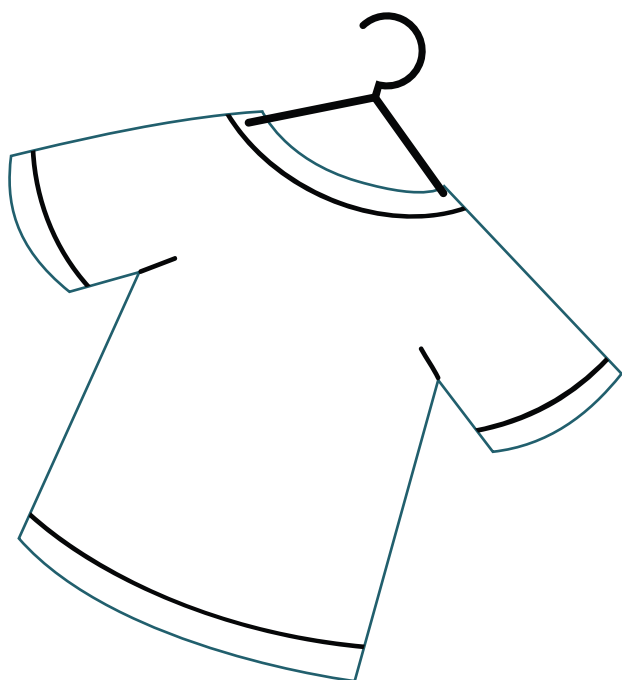

CFA
SERVICES



%

SITUAÇÃO ACTUAL DO MERCADO DE VESTUÁRIO EM SEGUNDA MÃO EM MOÇAMBIQUE: **OPORTUNIDADES E DESAFIOS**

Por: Consultoria para África (CFA) Abalon Capital Limitada



Conteúdos

1.0 Sumário executivo	7
2.0 Introdução	11
2.1 Objectivos da investigação	12
2.2 Métodos de investigação.....	13
3.0 contexto global do mercado de vestuário em segunda mão (VSM).....	14
3.1 Visão geral	14
3.2 Aprovisionamento, embalagem e exportação.....	15
3.3 Visão geral da dinâmica do mercado do vestuário em segunda mão em África	17
3.4 Contexto macro-económico e geopolítico de Moçambique.....	18
4.0 resultados da pesquisa	19
4.1 Estimativa das importações de VSM de Moçambique.....	19
4.2 Fontes de importações de VSM	19
4.3 Organização e estrutura dos mercados de VSM.....	20
4.4 Impacto do ambiente político no mercado de VSM em Moçambique	21
4.5 Análise do VSM e das indústrias têxteis nacionais de Moçambique.....	26
4.6 Impacto dos mercados de VSM nos mercados de trabalho de Moçambique	28
4.7 Impacto económico a longo prazo do sector do VSM em Moçambique	31
4.8 Impacto ambiental do sector do VSM em Moçambique	35
4.9 Expansão projectada da indústria de VSM em Moçambique nos próximos 20 anos.....	39
4.10 Recomendações de políticas para o sector do VSM.....	40
5.0 Conclusões.....	43
6.0 Bibliografia	45

Lista de figuras

Figura 1: Principais exportadores mundiais de vestuário em segunda mão (fonte: oec, 2024)..... 14

Figura 2: Principais importadores mundiais de vestuário em segunda mão (fonte: oec, 2024) 14

Figura 3: Exportações de VSM para a SADC (oec, 2024) 17

Figura 4: Fardos de vestuário em segunda mão embalados..... 19

Figura 5: imagens do mercado de vestuário em segunda mão em Maputo, Moçambique 20

Figura 6: Loja de retalho de roupa em segunda mão da ADPP Vestuario em Maputo..... 21

Figura 7: Beira VSM vendedores do mercado aberto 33

Figura 8: Triagem melhorada de VSM nas instalações da ADPP, Beira 37

Figura 9: Alfaiates em mercados de VSM remendando e recriando peças de vestuário 38

Figura 10: Reciclagem em aterro sanitário em Maputo. Não encontradas evidências de despejo de roupas..... 38

Lista de Abreviaturas

AfCFTA: Acordo de Zona de Comércio Livre Continental Africana

CAGR: Taxa de crescimento anualizada composta

EAC: Comunidade da África Oriental

UE: União Europeia

ESAP: Programa de Ajuste Estrutural Económico

FMI: Fundo Monetário Internacional

OIT: Organização Internacional do Trabalho

OEC: Organização da Complexidade Económica

VSM: Vestuário em segunda mão

ASS: África Subsariana

IDH da **ONU:** Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas

EUA: Estados Unidos

USD: Dólar dos Estados Unidos

Definição de termos

Têxteis e vestuário usados: Refere-se ao comércio entre países sob os códigos 63 do Sistema Harmonizado (SH) global.

Vestuário em segunda mão: Comércio entre países sob os códigos do Sistema Harmonizado (SH) global 6309 (têxteis e vestuário usados – aplicado para têxteis adequados para reutilização). Engloba peças de vestuário e acessórios que foram previamente possuídos, usados ou vestidas por indivíduos e que estão aptos para reutilização.

Fardo de vestuário em segunda mão: Um pacote de roupas embaladas que foram recolhidas, classificadas e compactadas para serem revendidas para fins de reutilização e reciclagem. Os fardos podem ser pré-classificados para o mesmo tipo de roupa ou conter peças de vestuário mistas.

Mistura tropical: um fardo de roupas que foram seleccionadas e contêm tipos mistos de peças de vestuário adequadas para climas tropicais.

Sustentabilidade: A prática de garantir o uso de recursos considerando as necessidades das gerações futuras. No presente relatório, trata-se de reduzir os resíduos têxteis e o seu impacto ambiental negativo.

Reciclagem em cascata dos têxteis: O processo de reciclagem de têxteis em produtos de menor valor ou utilidade.

Reutilização Têxtil: O acto de usar roupas de segunda mão para seu propósito original, com ou sem algumas alterações.

Resíduos têxteis: Roupas, tecidos ou materiais têxteis descartados ou inutilizáveis.

1.0 Resumo Executivo

O mercado mundial de vestuário e têxteis usados (código “63” dos dados do comércio mundial das Nações Unidas¹) registou um crescimento constante nas últimas quatro décadas. Com um volume de negócios bruto anual de quase USD 90 mil milhões, é mais de cinco vezes o PIB anual de Moçambique e está a crescer a uma taxa composta anual estimada de 2,5-3%. Mais recentemente, a indústria cresceu com o impulso global para o vestuário sustentável. Alguns analistas estimam que o sector poderá ultrapassar os USD 190 mil milhões nos próximos 10 anos. Os fluxos comerciais líquidos são quase exclusivamente do Norte Global para o Sul Global, e a China é o maior exportador, com quase 45% da quota de mercado global. Dentro desta categoria mais vasta, o “Vestuário Usado” (Código “6309”, “Vestuário e outros artigos usados”) constitui 5,7 mil milhões de dólares (~7,5%) em valor transaccionado; menos de 0,1% do comércio mundial. No presente relatório, referimo-nos a esta categoria como “Vestuário em segunda mão” (“VSM”). Os Estados Unidos da América (EUA) e a China são os principais países exportadores de VSM, com 16,8% e 13,9% de participação no mercado global, respectivamente. Numa base agregada, a União Europeia é o maior exportador, controlando quase 42% do mercado global. Em 2022, a UE exportou 1,7 milhões de toneladas de VSM, 46 % das quais se destinavam a África²².

Tendo em conta as reexportações, África é o maior mercado, absorvendo quase 35% dos fluxos globais de VSM. De acordo com os dados do ComTrade da ONU³, quatro países africanos (Gana: 4%, Quénia: 3,8%; Tanzânia: 3,3% e Nigéria: 2,8%) figuram entre os dez maiores importadores mundiais de VSM. A quota de Moçambique, de 1,7%, é relativamente pequena, mas igualmente significativa.

Intensificam-se os debates sobre a utilidade global do VSM. Os opositores, principalmente no seio de grupos de pressão ambiental ocidentais, argumentam que as exportações de VSM são semelhantes ao “colonialismo dos resíduos”, ou seja, os países ocidentais desenvolvidos despejam os seus resíduos de vestuário nos países em desenvolvimento com baixos rendimentos, sobretudo em África. Em resposta à pressão mediática que se seguiu, alguns governos europeus propuseram controlos reforçados para restringir as exportações de vestuário não usável (ou seja “resíduos”). No entanto, não existe actualmente uma definição ou código para “exportação de resíduos têxteis” no que se refere a vestuário usado a nível da União Europeia (UE). Algumas definições a nível nacional (por exemplo, na Alemanha) designam como “resíduos” todas as roupas que o proprietário já não tenciona usar. Esta situação levou a receios de proibições definitivas de exportação de VSM da UE, uma vez que os têxteis constam da Lista Europeia de Resíduos⁴ e as autoridades nacionais são obrigadas a avaliar se os têxteis usados designados para exportação devem ser classificados como resíduos.

¹ Organização da Complexidade Económica: Vestuário e têxteis usados

² Exportações comunitárias de têxteis usados na circular da Europa

³ Organização da Complexidade Económica: Roupas usadas

⁴ UE, (2015), Decisão da Comissão, de 3 de Maio de 2000, que substitui a Decisão 94/3/CE, que estabelece uma lista de resíduos em conformidade com a alínea a) do artigo 1.º da Directiva 75/442/CEE do Conselho relativa aos resíduos, e a Decisão 94/904/CE do Conselho, que estabelece uma lista de resíduos perigosos em conformidade com o n.º 4 do artigo 1.º da Directiva 91/689/CEE do Conselho relativa aos resíduos perigosos [notificada com o número C(2000) 1147] (Texto relevante para efeitos do EEE) (2000/532/CE) (JO L 226 de 6.9.2000, p. 2-46).

A nossa investigação concluiu que o risco de proibições definitivas de exportação de VSM na UE é bastante reduzido. Pelo contrário, é provável que a triagem e o rastreio reforçados obrigatórios das exportações de VSM sejam implementados de alguma forma em 2025-6. Este facto enquadra-se bem no actual impulso da UE para melhorar a sustentabilidade ambiental, nomeadamente através da redução dos resíduos de vestuário. A partir de Janeiro de 2025, a UE está também a implementar a Responsabilidade Alargada do Produtor (RAP), que transferirá o custo da gestão dos resíduos domésticos dos agregados familiares para os produtores. Embora não acreditemos que isto venha a ter um impacto significativo nas exportações líquidas de produtos de base da UE, em especial para países como Moçambique, poderá haver consequências indesejadas.

A UE também precisa de considerar as ramificações globais das suas decisões políticas. A restrição das exportações de VSM acabará por dar vantagem a outros grandes exportadores, como a China e os EUA. É pouco provável que ambos respeitem, e muito menos que adotem [o espírito], a legislação da UE sobre o comércio de roupas usadas. A China tem sido particularmente prolífica na produção de moda barata e de baixo custo e está a ganhar rapidamente participação nos mercados mundiais de vestuário. É, por conseguinte, muito provável que a redução das exportações de VSM da UE seja suplantada por importações provenientes de outros países, incluindo novas alternativas de baixo custo provenientes da China. Por conseguinte, é necessária uma melhor coordenação a nível mundial. Caso contrário, os esforços actuais transformam-se num jogo de soma zero.

As preocupações relativas ao comércio de VSM prendem-se quase exclusivamente com o potencial dumping. São também amplificados por notícias sensacionalistas dos meios de comunicação social sobre “fluxos de resíduos de roupa usada e montanhas em aterros” nos países em desenvolvimento. Mesmo os documentos consultivos da UE referem que cerca de 40% das exportações de VSM para África acabam em aterros sanitários. Não encontramos qualquer investigação empírica substantiva que apoie estas afirmações, incluindo nos artigos de investigação citados. Também analisámos numerosos relatórios e documentos consultivos publicados e descobrimos que as críticas infundadas ao sector do VSM são comuns. Infelizmente, estas alegações criam uma pressão indevida sobre os políticos e os responsáveis políticos para agirem e aumentam os riscos de uma legislação reaccionária e errada. O impacto será sobretudo sentido pelas comunidades pobres que dependem do VSM para as necessidades básicas de vestuário. Estudos recentes publicados sobre o Gana e o Quénia revelaram que os níveis de resíduos de VSM importados são muito inferiores as cifras citadas pela UE (acima) e pelos meios de comunicação social.

A nível mundial, existem riscos crescentes para o sector do VSM devido às restrições impostas pelos governos dos países importadores. Muitos, especialmente em África e na América Latina (Chile), manifestam um desejo forte e louvável de fazer subir o continente na cadeia de valor da indústria transformadora, melhorar o PIB per capita, aumentar os rendimentos das famílias e reduzir a pobreza. Nesse contexto, revitalizar a indústria têxtil doméstica é visto como uma solução óbvia e de fácil alcance. O argumento predominante também defende que o VSM barato reduz os preços de venda das roupas, comprime as margens de lucro e torna os investimentos potenciais pouco atractivos. Estes argumentos têm algum mérito, mas o desaparecimento do sector têxtil africano decorre de factores herdados muito mais complexos, incluindo os Programas de Ajuste Estrutural Económico (ESAP) do FMI das décadas de 1980 e 1990, a eliminação de subsídios, a falta de capital acessível e a forte concorrência dos titãs asiáticos do fabrico de vestuário, como a Índia, a China e o Bangladesh.

Para o futuro, acreditamos firmemente que a concorrência da China no sector do vestuário, tanto no que diz respeito ao vestuário usado como à moda nova de baixo custo, só deverá aumentar.

Na África subsariana (ASS), alguns governos tentaram impor proibições totais ao VSM.

Embora nenhum tenha conseguido implementar restrições completas por várias razões, alguns expressaram uma forte intenção, mas ainda não legislaram (Nigéria); revogaram proibições após pressões dos EUA (Tanzânia, Burundi e Quênia); legislaram, mas não implementaram as proibições (Uganda); ou procuraram restringir o comércio de VSM através de direitos de importação proibitivos (Angola, Zimbabuê, Ruanda, África do Sul e Namíbia). Além disso, o recém-criado acordo de Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) agiu rapidamente para eliminar o tratamento preferencial dos direitos aduaneiros sobre o comércio de VSM entre os países membros. A abordagem política não é construtiva e os debates parecem não reconhecer o direito humano fundamental ao vestuário. Em termos globais, dada a importância do vestuário em segunda mão para o público em geral na maioria dos países, o risco de proibições definitivas continua a ser baixo. Em vez disso, é provável que continuem a ser impostas restrições graduais às importações.

O discurso sobre o comércio de vestuário usado é frequentemente enquadrado na

exclusividade mútua. Ou seja, para reavivar as indústrias de vestuário nacionais, o comércio de artigos de vestuário de luxo tem de ser refreado. As nossas observações sugerem o contrário; tanto o fabrico de novos têxteis como a indústria de vestuário usado podem coexistir com algum equilíbrio razoável. Para já, a via financeiramente estratégica e sustentável para o renascimento dos têxteis deve incluir a colaboração entre países para a criação de zonas especiais de exportação ligadas aos têxteis, e não a proibição das importações de VSM. Além disso, a menos que os níveis de pobreza em África diminuam através de um crescimento económico mais forte e do aumento dos rendimentos, haverá uma necessidade a longo prazo de VSM para cobrir as necessidades básicas de vestuário de milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Esta pesquisa contribui para as discussões globais em curso sobre a indústria de VSM usando a experiência de Moçambique. Destaca a importância, os desafios e as oportunidades no sector, retirando lições de toda a região para uma elaboração de políticas informada.

Descobrimos que o sector de VSM é imensamente importante para Moçambique. Em

primeiro lugar, fornece vestuário barato, diversificado e facilmente acessível a milhões de pessoas que vivem na pobreza. Pelo menos 80% da população depende de VSM para as necessidades básicas de vestuário. **Em segundo lugar,** a disponibilidade de vestuário a preços acessíveis cria uma margem orçamental para outras despesas importantes do agregado familiar, como a alimentação, a habitação e a educação. **Em terceiro lugar,** o sector de VSM é um empregador significativo, embora predominantemente informal, num contexto de taxas de desemprego muito elevadas. Os vendedores de VSM são comuns nas zonas de grande afluência de pessoas nas principais cidades e nos bairros. Todos os principais mercados têm grandes concentrações de vendedores de VSM, especialmente mulheres e jovens. Concluímos que o VSM e a venda de alimentos, potencialmente nessa ordem, constituem as principais actividades comerciais nos mercados urbanos. Estimámos que, nos últimos cinco anos, Moçambique importou cerca de 36.750 toneladas por ano, e que a procura tem crescido a uma taxa anual de 3,5% ao longo do último ano.

A nossa análise sugere que uma tonelada de importações de VSM assegura cerca de 7,8 postos de trabalho, tanto de forma directa ou indirecta. **Em quarto lugar**, pelo menos 85% das pessoas empregadas através do VSM são também as principais responsáveis pelo rendimento dos respectivos agregados familiares. Assim, assumindo uma família média de cinco pessoas, isto implica pelo menos 1,1 milhões de moçambicanos que estão directamente dependentes do sector de VSM. Este facto é digno de nota. **Em quinto lugar**, muitos vendedores de VSM contam histórias de sucesso de perspectivas familiares positivamente transformadas através dos ganhos derivados da venda de vestuário em segunda mão. Muitos estão a sustentar as suas famílias, a proporcionar abrigo, a construir casas e a pagar educação (incluindo o ensino superior) com esses rendimentos. A partir do inquérito no terreno, é evidente que prejudicar a indústria de VSM colocará directamente em risco os meios de subsistência de milhões de pessoas. **Por último**, o governo moçambicano também beneficia directamente da tributação das importações de VSM. As nossas estimativas conservadoras sugerem que pelo menos 35 milhões de dólares anuais em receitas fiscais relacionadas com o VSM. Isto ajuda a financiar programas sociais muito necessários, como os cuidados de saúde e a educação. Utilizando estas estimativas e comparando-as com as estimativas da KPMG sobre as cobranças de impostos da indústria em geral, o sector de VSM estaria entre os dez maiores contribuintes de impostos do país⁵.

A experiência de Moçambique destaca as fortes credenciais de sustentabilidade do sector de VSM. Este prolonga significativamente a vida útil do vestuário, reduzindo o desperdício de roupas. Ao contrário de alguns relatos da imprensa, a nossa pesquisa não encontrou evidências de 'fluxos de resíduos' de VSM em Moçambique. Também não havia fluxos de resíduos de vestuário de qualquer tipo. Em vez disso, o desperdício de plástico parece ser o principal desafio. O que não é surpreendente pois confirma as opiniões de especialistas em desenvolvimento com longa experiência no país, que a cultura não é de deitar roupas fora. Pelo contrário, as roupas são frequentemente passadas de pessoa para pessoa ou reconstruídas em outros tipos de vestuário. Por isso, há muitos alfaiates a trabalhar nos mercados de VSM, a servir os vendedores, reparando, alterando e reconstituindo roupas. Isto aumenta significativamente a reutilização das roupas e prolonga a sua vida útil. De um modo geral, sublinha a necessidade de debates informados sobre o sector de VSM, ancorados em pesquisas empíricas e abrangendo observações e aprendizagens de profissionais, especialmente aqueles dos países em desenvolvimento. Tal abordagem promoveria uma formulação de políticas integrada, reconhecendo a importância estratégica do vestuário usado no sustento de milhões de pessoas que vivem na pobreza, ao mesmo tempo que se tem em conta a necessidade de impulsionar o crescimento económico e assegurar a sustentabilidade ambiental.

⁵ KPMG: 2022 Revista 100 Maiores Empresas de Moçambique

2.0 Introdução

O sector do vestuário em segunda mão (VSM) diz respeito ao comércio de vestuário previamente usado. As descrições mais amplas do sector incluem frequentemente outros materiais têxteis usados. Historicamente, os fluxos comerciais têm sido impulsionados pelas exportações do Norte Global desenvolvido para os países em desenvolvimento de baixo rendimento do Sul Global. Em 2022, a Organização de Complexidade Económica (OEC) estimou o volume de negócios anual global em vestuário e têxteis usados em 86 mil milhões de dólares⁶, classificando-o na 44.^a posição (de 96) nas categorias de comércio mundial. Neste contexto, o vestuário usado representa cerca de USD 5,7 mil milhões. Ultimamente, o foco global na sustentabilidade ambiental e na promoção da reciclagem e reutilização resultou num aumento das vendas de vestuário e têxteis usados, incluindo no mundo desenvolvido. Por conseguinte, alguns analistas prevêem actualmente que o valor comercial global da VSM mais do que duplique, atingindo 195 mil milhões de dólares até 2030⁷.

De um modo geral, o mercado de VSM representa uma pequena proporção do comércio mundial, actualmente estimado em 24 biliões de dólares. No entanto, tornou-se um tema muito actual nos países ocidentais, principalmente devido a alegações de que os países desenvolvidos estão a despejar resíduos têxteis em África. Este facto inspirou expressões como “colonialismo de resíduos”⁸. De igual modo, alguns responsáveis políticos africanos culpam as importações de VSM pelo desaparecimento da indústria têxtil do continente e têm demonstrado repetidamente o desejo de limitar ou proibir as importações de VSM. No entanto, esta visão é uma simplificação excessiva. Os debates tendem a ser sensacionalistas e inflamados, mas sem investigação e fundamentação dos factos alegados.

As importações de artigos de vestuário para uso doméstico são orientadas para as necessidades, ou seja, destinam-se a fornecer vestuário de base. Após o ajuste das reexportações, verifica-se uma relação inversa geral entre o nível das importações de VSM e o nível de desenvolvimento de um país. Por conseguinte, a África, que alberga 70% dos países menos desenvolvidos do mundo⁹, é, sem surpresa, o maior importador líquido de VSM. Por exemplo, a Comunidade da África Oriental (EAC) e Moçambique são responsáveis por quase 20% das importações mundiais de produtos de VSM^{10,11}. Em países como Angola e o Malawi, pelo menos 80% da população, os quatro quintos mais baixos da população, adquirem o seu vestuário, em parte ou na totalidade, nos mercados de VSM. As comunidades rurais dependem quase exclusivamente do vestuário usado para satisfazer as suas necessidades de vestuário.

A importância do VSM é actualmente objecto de intensa investigação, tendo em conta as alterações climáticas, a gestão de resíduos e a sustentabilidade ambiental. A maior parte das discussões e debates estão a ser conduzidos pelo Norte Global, mas muitas vezes não têm em conta a experiência contextual do Sul Global. Isto é particularmente verdade no que diz respeito à utilidade e à contribuição do VSM para as comunidades que vivem abaixo do limiar de pobreza.

6 Mercado de roupas usadas. Organização da Complexidade Económica

7 A ascensão e o crescimento da moda em segunda mão

8 Alterações climáticas e resíduos de moda Colonialismo

9 Últimos países desenvolvidos em África

10 A indústria do vestuário em segunda mão na Comunidade da África Oriental

11 Cálculos próprios

Alguns dos benefícios documentados do VSM incluem o facto de: (i) proporcionar acesso a vestuário acessível e de qualidade relativamente elevada a agregados familiares de baixos rendimentos, (ii) criar e manter milhões de postos de trabalho, (iii) ser uma fonte de rendimento, que transformou as perspectivas de milhares de famílias; e (iv) contribuir para as receitas do governo através de tarifas sobre as importações de VSM¹². De igual modo, as críticas incluem o facto de: (i) uma proporção significativa do vestuário importado acabar como resíduo em aterros sanitários em África; e (ii) o VSM prejudicar o restabelecimento da capacidade própria de produção têxtil nos países africanos.

Este artigo contribui para o crescente corpo de investigação que avalia a importância global da indústria de VSM, utilizando a experiência de Moçambique. Observámos que a investigação existente e as metodologias de inquérito lutam para captar a medida em que a força de trabalho na maioria dos países africanos, e particularmente em Moçambique, está relacionada com o comércio e serviços de VSM. Isto resulta em subestimação do impacto do sector na economia em geral e das consequências potenciais das restrições e proibições de importação. Utiliza uma combinação de investigação documental e de terreno para fazer a crítica da indústria, incluindo o impacto económico e ambiental, para ajudar a informar os debates políticos em curso na União Europeia (UE) e em África. Destaca igualmente os riscos a médio prazo e formula recomendações para os responsáveis políticos.

2.1 Objectivos da Investigação

Em conformidade com os Termos de Referência (TdR), este estudo:

- a.** Analisa o ambiente político que afecta o mercado de VSM em Moçambique e os seus prováveis desenvolvimentos futuros nas próximas décadas;
- b.** Analisa o impacto económico a longo prazo do sector da VSM e do calçado em Moçambique;
- c.** Quantifica o impacto dos mercados de VSM no emprego local e nos mercados de trabalho, em especial entre os grupos demográficos economicamente marginalizados;
- d.** Traça o perfil da interacção entre a indústria de VSM e a produção têxtil nacional em Moçambique;
- e.** Avalia o impacto ambiental do sector de VSM em Moçambique, incluindo a contribuição dos têxteis para as alegações de “fluxos de resíduos de vestuário” no país;
- f.** Analisa a expansão projectada da indústria do VSM em Moçambique durante os próximos 20 anos na produção local e na indústria de consumo; e
- g.** Apresenta recomendações práticas de política para a gestão a médio prazo do comércio de VSM em Moçambique.

No geral, o documento:

- a.** Permite que os responsáveis políticos em África e na Europa compreendam a dimensão, a estrutura, as características e o significado económico da indústria de VSM, particularmente para os países importadores;
- b.** Fornece aos responsáveis políticos informação empírica para equilibrar o discurso sobre o impacto do VSM na África Subsariana; e
- c.** Informa sobre a investigação e os debates futuros sobre a optimização da integração do VSM nas economias em desenvolvimento, tendo também em conta o impacto no desenvolvimento económico.

¹² Uma avaliação da cadeia de valor do vestuário em segunda mão em África: uma análise sistemática e oportunidades de investigação

2.2 Métodos de Investigação

Para responder a estas questões, utilizamos uma combinação de investigação documental e inquéritos no terreno.

- a.** Pesquisa documental: Analisámos relatórios e pesquisas publicados sobre o mercado de VSM, numa base global, regional e nacional. O nosso foco principal foi Moçambique, com alguma reconciliação com a experiência mais alargada da África Subsaariana. A tónica foi colocada em:
 - i.** Analisar a dinâmica global, os principais intervenientes, as principais tendências, oportunidades, desafios e desenvolvimentos políticos susceptíveis de afectar o sector a curto prazo;
 - ii.** Analisar a indústria de fabrico de têxteis e vestuário em Moçambique, que incluiu uma avaliação da situação actual da indústria, oportunidades e desafios;
 - iii.** Descrever as vantagens e desvantagens dos mercados de VSM em Moçambique;
 - iv.** Comparar e contrastar as experiências dos principais importadores africanos de vestuário em segunda mão para identificar semelhanças na dinâmica do mercado, impacto, oportunidades e desafios; e
 - v.** Criticar as afirmações de que o vestuário em segunda mão está a aumentar a poluição e analisar a investigação relevante, quando existente, para garantir a sua substância e robustez.

- b.** Inquéritos no terreno: Realizámos estudos de mercado centrados em:
 - i.** Determinar os principais atributos da indústria de VSM de Moçambique, destacando as semelhanças e diferenças relevantes com outros mercados regionais;
 - ii.** Avaliar e descrever os impactos sociais e económicos da indústria de VSM em Moçambique. Esta abordagem centrou-se na utilização de entrevistas semi-estruturadas com os principais intervenientes na cadeia de valor, incluindo importadores, retalhistas, vendedores, consumidores e responsáveis políticos; e
 - iii.** Descrever as iniciativas de reciclagem de vestuário nas comunidades locais e a evolução dos debates políticos governamentais sobre a gestão de resíduos.

- c.** Ferramentas de pesquisa: Utilizámos questionários semi-estruturados para recolher dados dos participantes da cadeia de valor do sector de VSM nos principais mercados de VSM em Maputo (Xipamamine, Mercado Janet e Xiquelene), Beira (Tschungamoyo, Mobeira e Chingussura) e Nampula. Os instrumentos destinavam-se a analisar a estrutura global do mercado de VSM, os principais intervenientes, a origem das importações, os tipos de produtos, o fluxo de produtos, as práticas de transacção, os principais grupos demográficos, as actividades de emprego, o impacto nos meios de subsistência e a determinar o impacto provável da proibição das importações de produtos de VSM. Nas entrevistas, utilizámos predominantemente entrevistas semi-estruturadas para garantir a recolha de dados relevantes de profissionais de longa data do sector.

3.0 Contexto Global do Mercado do vestuário em segunda mão

3.1 Visão Geral

O mercado mundial de vestuário está estimado em 1,7 biliões de dólares. A China é o maior exportador, com quase 40% da quota de mercado, o que equivale a 40 mil milhões de dólares anuais (Fig. 1). Os dados do comércio mundial de vestuário usado são registados em: (i) “Vestuário e artigos têxteis usados” e (ii) “Vestuário usado”. Esta última é uma subcategoria.

- a. Vestuário e artigos têxteis usados (Código de classificação “63”): Esta categoria abrange “Têxteis, artigos confeccionados; conjuntos; vestuário usado e têxteis usados; e trapos”. Tal como salientado, trata-se de um segmento alargado que inclui a VSM.

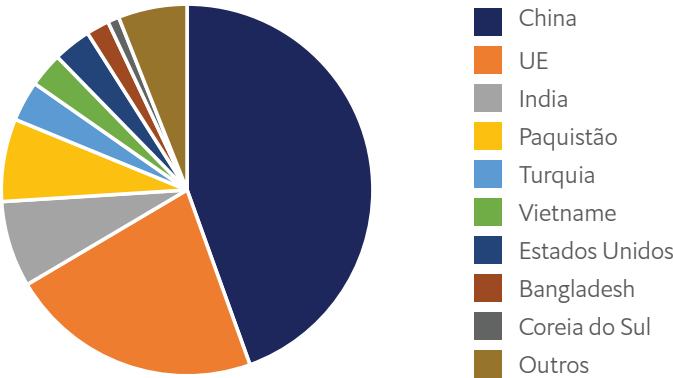


Figura 1: Principais exportadores mundiais de vestuário em segunda mão (Fonte: OEC, 2024)

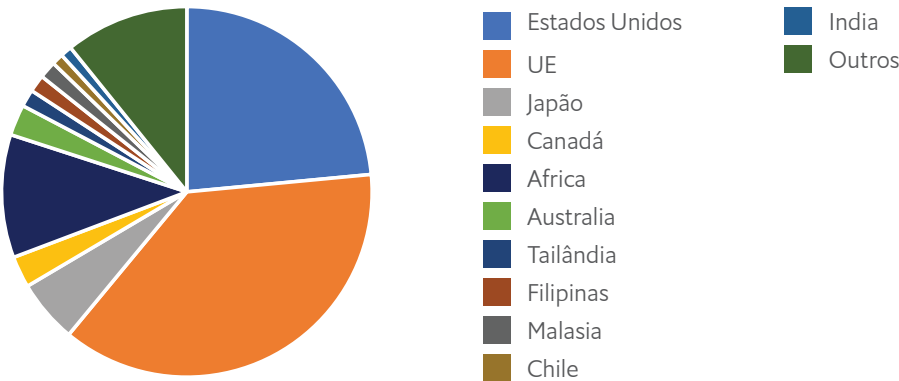


Figura 2: Principais importadores mundiais de vestuário em segunda mão (Fonte: OEC, 2024)

Os últimos dados disponíveis (cifras de 2022) estimam este segmento em cerca de 86 mil milhões de dólares em valor transaccionado¹³; 5% do comércio global total. A China é o principal exportador, com cerca de 38 mil milhões de dólares anuais (e 45% da quota de mercado mundial), seguida pela UE, com quase 20 mil milhões de dólares (23,5% da quota de mercado mundial), e depois a Índia e o Paquistão, empatados com 6,1 mil milhões de dólares (cerca de 7% da quota de mercado cada um; Fig. 1). Os principais importadores são os Estados Unidos (USD 20 mil milhões), a Alemanha (USD 6,16 mil milhões), o Japão (USD 4,7 mil milhões), a França (USD 3,62 mil milhões) e o Reino Unido (USD 3,14 mil milhões). Em termos agregados, a UE é o maior importador, com quase 40% da quota de mercado mundial (Fig. 2). Uma parte significativa das importações dos EUA, da UE, do Reino Unido e do Médio Oriente é reexportada para a Ásia e África¹⁴.

- b.** Vestuário usado (Código de classificação “6309”): Esta categoria é um subconjunto da anterior e inclui “Vestuário usado e outros artigos usados”. É a mais relevante para este estudo. Em 2022, o comércio global neste segmento valia 5,7 mil milhões de dólares, ocupando o 527.º lugar entre 1 218 categorias. Trata-se de um sector minúsculo que representa menos de 0,1% do comércio mundial global.

Os EUA são o principal exportador com 1,1 mil milhões de dólares anuais (16,8% da quota de mercado global), seguidos pela China com 852 milhões de dólares (13,8% da quota de mercado global). Em termos agregados, e à semelhança da categoria mais alargada, a UE é o maior exportador, controlando quase 42% do mercado global (~1,7 milhões de toneladas). Cerca de 46% das exportações da UE destinam-se aos mercados africanos¹⁵. O Paquistão é o maior país importador, com 4,1% da quota de mercado global (USD 252 milhões), mas uma parte significativa é também reexportada. Quatro países africanos (Gana: 3,9%, Quénia: 3,8%; Tanzânia: 3,3% e Nigéria: 2,8%) figuram entre os dez maiores importadores mundiais de VSM. A quota de Moçambique é pequena, mas igualmente significativa, de 1,7%. No total, a África absorve quase 35% das importações mundiais de VSM.

3.2 Aprovisionamento, embalagem e exportação

A importação e a distribuição de VSM estão bem descritas e documentadas. Recapitulando, as organizações de caridade e as empresas comerciais recolhem roupas usadas em lixeiras domésticas, bancos de têxteis, supermercados, escolas, organizações comunitárias e vários outros esquemas de doação de roupas. As roupas não seleccionadas são designadas por “originais”.

Após a recolha, as roupas são transportadas para centros de triagem designados, onde são avaliadas e agrupadas em quase 300 categorias. Esta é uma parte fundamental da cadeia de valor e tem por objectivo:

- (i) extrair têxteis de elevado valor, a chamada “nata”, para vender nas lojas europeias¹⁶; (ii) seleccionar vestuário para reutilização no mercado global e (iii) seleccionar materiais recicláveis como o algodão e a lã. O processo de triagem combinada pode ocorrer em várias etapas e em diferentes países,

¹³ Comércio global de vestuário usado e de artigos têxteis usados; trapos

¹⁴ Visão geral do mercado de vestuário usado na África Oriental: análise das determinantes e implicações

¹⁵ Exportações comunitárias de têxteis usados na circular da Europa

¹⁶ Avaliação baseada na ACV da gestão dos têxteis europeus usados

dependendo da proximidade ao mercado, das distâncias de transporte e da capacidade para uma triagem detalhada. Uma combinação de fardos de diferentes tipos é carregada em contentores e enviada principalmente para a Ásia ou África¹⁷, os principais centros de procura. Mais importante ainda, o processo de selecção está orientado para mercados específicos. Para Moçambique, a maioria das importações de VSM provém da Europa (incluindo o Reino Unido), China, Paquistão, EUA, EAU, Japão e Coreia do Sul em fardos pré-seleccionados.

Distribuição e vendas. Nos mercados desenvolvidos, os produtos do VSM são vendidos através de uma combinação de lojas de retalho, lojas “vintage”, bancas de mercado e plataformas online. Os retalhistas de roupa usada mais populares incluem ThredUP, Poshmark, The RealReal, Tradesy, Buffalo Exchange, eBay, Mercari e Alibaba, entre outros. Em África, as vendas são predominantemente efectuadas através de mercados abertos e, em menor grau, de lojas de venda a retalho. Os fardos tendem a permanecer fechados até ao ponto de venda a retalho. Por esta razão, alguns críticos argumentam que o seu valor é frequentemente sub-declarado, pelo que pagam direitos mais baixos e concorrem “injustamente” com a nova moda. Outros argumentam que os compradores finais, os retalhistas e os vendedores, acabam por adquirir artigos abaixo das normas devido à falta de uma triagem adequada, contribuindo para o desperdício. Contudo, dado que os compradores podem mudar rapidamente de fornecedor em função da sua reputação, é do interesse dos vendedores fornecerem produtos de elevada qualidade.

As importações de VSM são quase exclusivamente efectuadas através dos portos. Os países costeiros são, por conseguinte, a principal via de importação para os países sem litoral. Por exemplo, Moçambique é uma das principais rotas de abastecimento de VSM ao Malawi e à Zâmbia, enquanto o Quénia abastece o Burundi, a RDC e o Uganda.

Tal como salientado, globalmente, o comércio de “Têxteis e vestuário usados” está classificado na categoria 6309 (ou seja, “têxteis e vestuário usados”) e apenas pequenas quantidades de têxteis estão classificadas na categoria 6310 (ou seja, “Trapos e restos de têxteis usados, seleccionados e não seleccionados”). Nos debates relativos à protecção social, não se faz praticamente nenhuma distinção entre estas duas categorias. Esta situação gerou incerteza nas exportações europeias de VSM, tendo em conta os esforços actuais para tornar mais rigorosa a classificação destas duas classes de produtos. A maior parte dos importadores, em especial em África, receia que isto resulte em restrições significativas ou, na pior das hipóteses, na proibição das exportações de VSM. Estes receios podem ser exagerados.

¹⁷ Alargamento das redes de produção mundiais: O comércio internacional de vestuário em segunda mão

3.3 Visão geral da dinâmica do mercado de VSM em África

Em África, os VSM são muitas vezes descritos em termos não carinhosos, que incluem “roupa de homem branco morto” no Gana e “roupa de calamidade” em Moçambique. Para este último, reflecte a forma como as comunidades locais pobres dependiam de roupas em segunda mão após a independência em 1975, e particularmente durante a guerra civil, que terminou em 1992.

As importações de produtos de VSM são predominantemente motivadas pelas necessidades e destinam-se a alguns dos países mais pobres. Em países como Angola, Malawi, Moçambique, Tanzânia e Quênia, a indústria tem prosperado desde a década de 1970. As estimativas actuais das importações de produtos da VSM para a SADC são apresentadas a seguir.

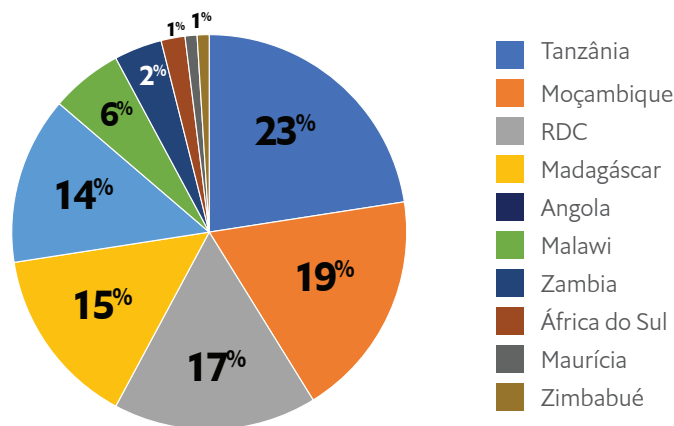


Figura 3: Distribuição das importações de VSM nos países da SADC em percentagem do total (OEC, 2024)

Não estão disponíveis níveis definitivos de importações de produtos de base devido à fraca qualidade dos dados na maioria dos países africanos. No entanto, a maioria dos dados, incluindo os da ComTrade da ONU, aponta para que África seja o maior importador mundial de VSM, tanto em termos de volume como de valor. Três observações apoiam este ponto de vista: **Em primeiro lugar**, a variação dos dados comerciais entre os países exportadores e os registos nacionais de importação de VSM pode ir de -85% a +220%. Nos casos em que estão disponíveis dados anuais sobre as importações, a variação de ano para ano é bastante elevada, o que aponta para uma má qualidade dos registos e dos dados. **Em segundo lugar**, uma parte significativa das importações de VSM para países como os EUA, o Reino Unido, a UE, o Paquistão e os Emirados Árabes Unidos são reexportadas, predominantemente para África e para a Ásia. Quase metade das exportações da UE (ex- Reino Unido) destinam-se a países da África subsariana. **Em terceiro lugar**, só os países da costa oriental de África (ou seja, a Comunidade da África Oriental (CAO) e Moçambique) representam quase um quinto das importações mundiais¹⁸.

Em quarto lugar, um estudo recente estimou que África tem importado sistematicamente cerca de mil milhões de dólares¹⁹ de VSM por ano durante a última década. No entanto, olhando para os dados de importação de 2022 para o Quênia (USD 360 milhões), Nigéria (USD 290 milhões), Angola (USD 227 milhões) e Tanzânia (USD 221 milhões*)²⁰, já se soma perto de mil milhões de dólares. Por conseguinte, é provável que a adição das importações noutros países africanos possa facilmente triplicar ou quadruplicar estes números comunicados.

¹⁸ A eliminação progressiva das importações de vestuário em segunda mão: qual é o impacto para a Tanzânia?

¹⁹ Mercado africano de vestuário em segunda mão

²⁰ Dados OEC, Fig. 2.

Por último, a partir de 2017, só a China comunicou cifras comerciais de vestuário de quase 1,3 mil milhões de dólares só com a EAC, tendo quadruplicado num espaço de dois anos. No entanto, os cifras comunicados pela EAC relativos às importações de VSM da China foram doze vezes inferiores no mesmo período, o que constitui uma enorme discrepância. A repartição entre o VSM e o vestuário novo (moda barata e de baixo custo) não é revelada. Em geral, estas subestimações resultam numa subavaliação significativa da dimensão e do nível da procura de VSM em África, para não falar de países como Moçambique. Por conseguinte, quaisquer alterações legislativas e políticas na Europa são susceptíveis de ter um maior impacto nesta região.

3.4 Contexto macroeconómico de Moçambique

Moçambique é um país muito pobre. No Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas, o país ocupa a posição 183 entre 191²¹ países. Pelo menos 65% da população depende da agricultura, da silvicultura e dos sectores económicos extractivos, como a exploração mineira e a pesca, para a sua subsistência. Os dados mais recentes sugerem uma taxa de desemprego de 26% e os salários mínimos são muito baixos, com uma média de 6.200 MZN/mês (90 USD/mês)²². Na nossa vasta experiência de consultoria em Moçambique, as estatísticas oficiais de emprego subestimam grosseiramente o nível de subemprego no país. Do mesmo modo, uma elevada proporção dos rendimentos dos trabalhadores assalariados é inferior aos níveis de salário mínimo legislados, especialmente no sector agrícola, que continua a ser de longe o maior empregador. O sector transformativo é muito pequeno (menos de 7% do PIB) e os empregos bem remunerados no sector dos serviços são escassos, especialmente para a maioria da população, que tem baixos níveis de educação.

Neste contexto, não é de surpreender que Moçambique seja o segundo maior importador de VSM na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC). Com 19% do total, só é ultrapassada pela Tanzânia (Fig. 3). De acordo com a nossa investigação, pelo menos 85% da população compra VSM, o que corresponde a observações semelhantes em Angola, no Malawi e na Zâmbia. A OEC estima que o valor total das importações de VSM de Moçambique é de cerca de USD 84 milhões; aproximadamente 0,4% da factura total anual de importações de Moçambique, no valor de USD 23,1 mil milhões.

Este valor pode estar a subestimar as importações de VSM de Moçambique. Os nossos resultados e alguns trabalhos de investigação publicados recentemente são mais representativos (ver secção 4, “Resultados”).

²¹ IDH DA ONU.

²² Moçambique: Governo anuncia novos salários mínimos para o sector privado

4.0 Resultados da Investigação

Os resultados da investigação são apresentados a seguir e são apresentados de acordo com cada componente dos Termos de Referência.

4.1 Estimativa das importações de VSM de Moçambique

Os dados sobre as importações de VSM de Moçambique são limitados. Para estimar os níveis de importação mais recentes (2023), utilizámos os dados ComTrade da ONU, que são compilados numa base de auto-declaração. O registo mais recente e fiável das importações de roupa usada de Moçambique foi em 2019, e em 34,265 toneladas. Assumimos então uma taxa de crescimento anual de 3,5%, que está em conformidade com as estimativas dos grandes importadores e com as médias mundiais. Usando esta abordagem, estimamos que, a partir de 2023, as importações totais de VSM de Moçambique se situaram em 39.320 toneladas. A média implícita de 36.750 toneladas/ano em 5 anos.

4.2 origens das importações de VSM

Os grandes importadores estão altamente organizados, trabalhando com uma rede estruturada de grossistas e retalhistas. A Europa (Reino Unido, Espanha, Alemanha e Itália, por esta ordem), os EUA, a Austrália, os Emirados Árabes Unidos, o Paquistão, a Coreia do Sul e a China foram citados como as principais fontes de importação de VSM de Moçambique. Não existem dados disponíveis sobre o comércio bilateral. A maioria dos importadores declarou que o preço, a qualidade (incluindo as dimensões gerais) e a logística eram os principais factores de preferência do fornecedor.



Figura 4: Fardos de vestuário em segunda mão embalados

4.3 Organização e estrutura dos mercados de VSM

Em Moçambique, o sector do VSM está bem organizado, com uma intermediação significativa ao longo da cadeia de valor. As actividades de venda a retalho de VSM são organizadas principalmente em mercados abertos nas principais cidades e vilas. Os maiores mercados estão localizados em Maputo (Xipamamine, Mercado Janet, Xiquelene, Farjardo e Compone), Matola, Beira (Mercado do Goto e Munhava), Nampula

(Beleneses e Mercado Central), Tete (Mercado Central) e Chimoio (Mercado 38, Mercado Central e Soalpo). Os vendedores organizam-se ao longo dos principais passeios e ultrapassam de longe os vendedores de outros produtos (alimentos, mobiliário, artigos eléctricos, etc.). Este facto sugere que os produtos de VSM, juntamente com os produtos alimentares, são os produtos principais e de base do mercado livre.



Figura 5: Imagens do mercado de vestuário em segunda mão em Maputo, Moçambique

Geralmente, os vendedores operam em bancas designadas. Não pagam renda pelas instalações do mercado. No entanto, nos casos em que o mercado se estende a bairros próximos, os vendedores pagam uma renda aos proprietários para utilizarem a fachada imediata em redor dos pátios das residências. Os operadores maiores e mais sofisticados, como a ADPP Vestuário, têm lojas físicas, com produtos bem expostos, sistemas de preços sofisticados e geridos por vários funcionários a tempo inteiro (Fig. 6). Os regimes de emprego destinam-se a apoiar os grupos demográficos marginalizados, nomeadamente os jovens e as mulheres.

As actividades de emprego vão desde agentes aduaneiros, grossistas, retalhistas, distribuidores, fornecedores de logística, redistribuidores e retalhistas informais individuais que operam nas bermas das estradas e nas esquinas das ruas (ver Secção 4.6). Os retalhistas individuais tendem a concentrar-se em áreas de grande afluência de pessoas, como hospitais, centros comerciais e ruas principais. É evidente que as perturbações no sector de VSM de Moçambique, onde as fontes de emprego alternativo são praticamente inexistentes, poderão ter resultados catastróficos nos meios de subsistência de milhões de pessoas, ampliando os já elevados níveis de pobreza no país.



Figura 6: Loja de retalho de roupa em segunda mão da ADPP Vestuário em Maputo

4.4 Impacto do ambiente político no mercado de VSM em Moçambique

Existem quatro riscos primários, sendo que apenas um representa uma ameaça existencial a longo prazo para o VSM em Moçambique e noutros países africanos. Estas são descritas e discutidas de seguida:

a. Potencial reclassificação do VSM como “resíduo” pela União Europeia, o que reduziria fortemente as exportações. Começamos por uma conclusão: de acordo com a nossa investigação, incluindo contactos na Comissão Europeia, a Europa não tem qualquer intenção de proibir as exportações de vestuário em segunda mão. A “Estratégia da UE para têxteis sustentáveis e circulares”²³, originalmente proposto pela Comissão Europeia em 2022, visa tornar o vestuário mais duradouro, mais fácil de reparar e o seu percurso até ao ponto de venda rastreável. O objectivo final é aumentar a sustentabilidade e reduzir a poluição relacionada com os têxteis. Haverá também Responsabilidades Alargadas do Produtor (RAP)²⁴ adicionais com início em Janeiro de 2025. O objectivo é obrigar as empresas de vestuário que operam na UE a suportar os custos de recolha, triagem e reciclagem dos têxteis. A taxa RAP será proporcional ao custo da transformação, da reciclagem e/ou do “upcycling”. A iniciativa aborda a questão do crescente desperdício de vestuário, em parte devido à moda rápida.

É oportuno um contexto mais alargado do discurso actual. A imprensa publicou, de facto, que “a Europa tenciona proibir as exportações de VSM devido à crescente preocupação com o aumento dos resíduos de vestuário nos países em desenvolvimento”. Por exemplo, em 14 de Março de 2024, a Reuters noticiou que “...a França propõe a proibição da UE de exportar roupa usada”. O Ministério do Ambiente francês citou especificamente que “África não deve continuar a ser o caixote do lixo da fast-fashion [e] devemos reduzir os resíduos e gerir os nossos próprios resíduos”. Numa análise mais aprofundada, a proposta visa reforçar o rastreio e a triagem das exportações de artigos de vestuário e reduzir a quantidade de resíduos de vestuário capturados nos fardos de vestuário. Tudo isto faz parte do esforço de sustentabilidade. Não se pretende uma proibição total.

²³ Estratégia da UE para têxteis sustentáveis e circulares

²⁴ Responsabilidade alargada do produtor e instrumentos económicos

De um modo geral, vale a pena referir o seguinte:

- i. Actualmente, as “propostas” estão na fase inicial da “retórica”. Não foi feito qualquer debate sobre um quadro político sólido, muito menos para definir a direcção e o tom da futura política da UE. No entanto, os importadores devem manter-se a par das discussões políticas em curso na UE, uma vez que qualquer resultado é susceptível de ter um impacto significativo nos volumes comercializados.
- ii. A França, a Dinamarca e a Suécia, defensores de um controlo mais rigoroso das exportações de produtos do VSM, estão preocupados com a falta de distinção entre a classificação do vestuário usado de boa qualidade (código “6309” “Vestuário e têxteis usados”) e o código 6310 (“Trapos e restos de têxteis usados, seleccionados e não seleccionados”). Na sua opinião, esta situação deu origem a que os materiais de vestuário indignos fossem agrupados e exportados juntamente com o VSM de boa qualidade, o que, em última análise, resultou em dumping. De acordo com as suas propostas, seria reforçada a triagem e a divulgação para garantir que os artigos abrangidos pelo código “6310” não sejam exportados, em especial para África, onde [se crê que] acabam como resíduos em aterros.

Empresas da UE que pretendem exportar os resíduos têxteis - roupas consideradas demasiado degradadas ou manchadas para serem revendidas - teriam de fornecer mais informações sobre o conteúdo das remessas e, potencialmente, sobre a utilização a que se destinam. Como se pode ver, estas são, actualmente, declarações aspiracionais.

- iii. iii. A Suécia quer que a exportação de resíduos têxteis perigosos - tecidos manchados com produtos químicos ou tintas, por exemplo - seja totalmente proibida. Isto, em nossa opinião, não é controverso. Mais uma vez, esta medida visa um segmento específico das exportações de produtos têxteis e não a categoria mais vasta de VSM. A nosso ver, o desafio consistirá em encontrar uma definição operacional de “resíduos” no que respeita ao comércio de VSM. Haverá desafios, dado o carácter qualitativo do debate.
- iv. iv. Por último, mas não menos importante, a França, a Suécia e a Dinamarca propõem que os países importadores tenham de aprovar as importações e, mais importante ainda, demonstrar que os resíduos estão a ser eliminados correctamente. Esta última é provavelmente impraticável, uma vez que, globalmente, a maioria dos países, desenvolvidos e emergentes, está a debater-se com a eliminação adequada de resíduos, incluindo os da indústria do vestuário. Por conseguinte, a imposição de exigências onerosas e irrealistas a países que têm uma clara necessidade de VSM de boa qualidade apenas amplificará o actual furor. Também pode ser interpretado sob o emblema do “Norte Global a ditar [de novo] ao Sul Global”, com todas as conotações imperiais.

O que é claro é que nenhum dos proponentes desta moção está a propor uma proibição de VSMs ou restrições draconianas. Pelo contrário, propõem o reforço da triagem e dos controlos das exportações. Neste contexto, duas citações são dignas de nota:

- i. Ministério do Ambiente da Suécia: *“O que é exportado como sendo têxteis em segunda mão tem de ser isso mesmo, e não puro desperdício têxtil sem valor e inutilizável. [Temos de acabar com o abuso do mercado de têxteis em segunda mão por aqueles que estão a tentar evitar pagar o preço total da moda rápida]”* (POLITICO)
- ii. Ministério do Ambiente de França: *“O objectivo não é acabar com o comércio de roupa em segunda mão, mas sim criar uma economia verdadeiramente circular e ajudar os países em desenvolvimento”.* (POLITICO)

É provável que as próximas etapas legislativas se processem da seguinte forma:

- i. A Comissão Europeia apresenta uma proposta legislativa e o Conselho da UE tem de a adoptar por unanimidade. Esse processo ainda está por iniciar.
- ii. A UE solicitaria então formalmente que a Convenção de Basileia fosse alterada no que respeita às partes relacionadas com o comércio de matérias-primas para aquecimento. As partes na convenção também teriam de chegar a um acordo unânime. A nosso ver, o obstáculo é reduzido.

A Comissão Europeia já saudou a intenção subjacente à iniciativa da França, da Dinamarca e da Suécia [e vê] vantagens em iniciar este debate [com] o contexto correcto para discutir a questão do comércio global de têxteis usados.

É extremamente improvável que a UE proíba a exportação de VSM. Existe já um profundo reconhecimento de que o sector da energia solar é fundamental para os países em desenvolvimento. No entanto, uma melhor triagem e regras de exportação mais rigorosas parecem inevitáveis no âmbito de uma melhor gestão dos resíduos e de uma maior sustentabilidade. Se tal acontecesse, e dependendo do nível de aplicação no processo de triagem, é provável que:

- i. Os volumes de exportação de VSM da UE registariam uma ligeira diminuição, sem perturbação significativa do comércio de VSM.
- ii. Os custos da triagem reforçada serão transferidos para os consumidores dos países importadores. O cenário de forte procura significa que é mais fácil para os comerciantes de VSM passarem os custos para a cadeia de valor; e
- iii. A China e outras grandes jurisdições de exportação, como os EUA, o Médio Oriente e a Austrália, irão simplesmente colmatar qualquer lacuna na procura resultante da redução das exportações de produtos VSM da UE.

De um modo geral, é demasiado cedo para fazer juízos prévios sobre o resultado.

b. O risco político em África é mais evidente. Tanto os governos africanos individuais como colectivos continuam a manifestar ambições de auto-suficiência na produção de têxteis e vestuário. A produção própria de têxteis e de vestuário é vista como o proverbial fruto mais fácil, pelo que existe um desejo legislativo persistente de reduzir as importações de artigos de vestuário. De um modo geral, representa um risco permanente para os importadores de VSM, e em graus variáveis, consoante a jurisdição.

Registamos aqui que:

- i. Nos seus esforços para proibir as importações de VSM, o Ruanda aumentou a taxa de importação em mais de cem vezes; de 0,20 dólares/kg para 2,50 dólares/kg²⁵;
- ii. A África do Sul proibiu praticamente todas as importações de VSM. Mesmo as importações de vestuário novo estão sujeitas a um direito de importação de 45%, acrescido de 15% de IVA²⁶;
- iii. O Uganda aprovou a proibição das importações de VSM em 2023, mas esta nunca foi aplicada²⁷. Os EUA argumentaram igualmente que uma proibição do VSM seria contrária aos princípios da Lei sobre o Crescimento e as Oportunidades para África dos EUA (AGOA);
- iv. Os países da EAC, à excepção do Ruanda, só desistiram de planos semelhantes para proibir as importações de produtos da VSM em 2016, depois de os EUA terem ameaçado com retaliações através do AGOA;
- v. A Nigéria planeia proibir as importações de VSM²⁸. O anúncio está em vigor desde o início de 2023, mas, tal como no Uganda, não foi implementado; e
- vi. Recentemente, Angola duplicou os direitos de importação de VSM de 20% para 50%. As ONG que importam vestuário para doação estão isentas²⁹.
- vii. O recém-criado Acordo de Comércio Livre com África (AfCTA) pode também adoptar protocolos e medidas mais restritivos destinados a reduzir as importações de produtos do VSM e a melhorar o valor acrescentado no continente. A Comissão já recomendou a supressão do tratamento preferencial dos direitos aduaneiros sobre o comércio de produtos do VSM entre os países membros³⁰.

A corrente política subjacente não é, por conseguinte, positiva para o sector dos cuidados de saúde. É muito provável que um partido político ou um chefe de governo possa aprovar legislação para reduzir ou proibir as importações de produtos do sector VSM com um simples toque de caneta, independentemente das consequências percebidas pelo público.

As nossas percepções globais são as seguintes:

- i. **Não parece haver nenhum risco imediato para a indústria de VSM em Moçambique decorrente da política do governo nacional.** Actualmente, o Governo parece manter uma posição neutra. Nas nossas investigações, não encontramos discussões nem inclinações no sentido de reduzir ou proibir as importações de VSM. Há um reconhecimento claro da sua importância crítica para a manutenção dos meios de subsistência no seio do governo e em ambos os principais partidos políticos. Este facto é igualmente evidente nas entrevistas e nas respostas dadas pelos funcionários governamentais sobre esta matéria. Embora ainda exista o desejo de desenvolver uma indústria têxtil nacional através de várias iniciativas, incluindo, ultimamente, o PRONAI³¹,

²⁵ Ruanda Proibição de vestuário usado

²⁶ Regulamentos e impostos comerciais da África do Sul

²⁷ Os EUA queixam-se da proibição do Uganda de importar roupa em segunda mão

²⁸ NA MUMU DEY GO BOUTIQUE: A economia essencial da indústria de Okrika da Nigéria

²⁹ Angola: Taxas de câmbio e direitos de importação complicam o mercado de roupas em segunda mão

³⁰ ZCLCA: Ministros africanos adoptam proibição do comércio de roupas em segunda mão

³¹ República de Moçambique Missão Permanente da República de Moçambique-Genebra: Briefing

os grandes anúncios não foram acompanhados de investimentos, quer públicos quer privados. Por conseguinte, é pouco provável que se verifique um aumento significativo da produção de têxteis, e muito menos de vestuário e/ou calçado na sua diversidade, nas próximas duas décadas. Assim, a médio e longo prazo, as necessidades de vestuário da população em geral continuarão provavelmente a ser satisfeitas pela VSM. Do diálogo com os nossos contactos governamentais, percebemos que o foco está na melhoria da reciclagem em geral, incluindo a de roupas usadas, tudo no âmbito de um impulso mais amplo virado a sustentabilidade ambiental. Para além disso, o governo também está plenamente consciente dos benefícios em termos de receitas dos impostos relacionados com o VSM, que, sem eles, apenas aumentariam os défices orçamentais para a prestação de programas sociais críticos, como a educação e os cuidados de saúde. Por isso, o governo está a envidar esforços para formalizar os comerciantes informais, em parte para melhorar a estrutura do sector e as contribuições fiscais.

ii. A evolução no âmbito do Acordo de Comércio Livre Continental Africano (AfCTA) sugere igualmente um risco a médio e longo prazo. A orientação da elaboração de políticas é claramente no sentido de reduzir, e não de aumentar, as importações de VSM. Na sequência das recentes promulgações acima referidas, o comércio de VSM está agora sujeito a vários direitos aduaneiros ao abrigo do quadro das “regras de origem”, que tem por objectivo promover a industrialização e a criação de maior valor acrescentado ao continente. Dada a enorme necessidade e procura de VSM em todo o continente, que é em grande parte impulsionada pela pobreza endémica, há poucas dúvidas de que a procura de VSM continuará a ser forte a longo prazo. Não prevemos alterações materiais na dinâmica durante as próximas duas décadas. Os responsáveis políticos estão perfeitamente conscientes disso. Acima de tudo, não é claro para nós se uma decisão tomada ao nível da AfCTA é juridicamente vinculativa, como seria, por exemplo, ao abrigo da União Europeia. O acordo não está a ser administrado sob os auspícios de uma união económica. A nossa análise sugere que os países implementem os protocolos adoptados tendo em conta o contexto nacional. Portanto, no que diz respeito ao sector, não vemos Moçambique a implementar uma resolução que comprometeria os meios de subsistência da sua população maioritária. Dito isto, a longo prazo, a política é imprevisível, e as partes interessadas devem continuar a envolver-se com o governo para garantir que políticas precipitadas e irracionais sejam evitadas.

iii. Os blocos económicos individuais e regionais também tentaram proibir o VSM, com diferentes graus de sucesso. Por conseguinte, consideramos que este é um risco sempre presente. A África do Sul é um exemplo de como proibir o VSM e, em resultado disso, conseguir desenvolver uma indústria de vestuário local. Este país beneficiou-se igualmente de uma base de capital pré-existente e de uma indústria de fabrico de vestuário criada por empresas de Taiwan que estavam a tirar partido do acesso preferencial ao mercado no âmbito do AGOA³².

Os exemplos acima referidos sobre a EAC e os desenvolvimentos em Angola sugerem que estes debates muito contestados irão provavelmente manter-se. No entanto, não vemos quaisquer preocupações materiais no horizonte para Moçambique.

iv. As disputas comerciais a nível mundial constituem também uma ameaça crescente. A política mundial está a polarizar-se cada vez mais ao longo do habitual eixo Leste-Oeste.

³² Comissão de Comércio Internacional dos Estados Unidos, AGOA: Visão geral do desempenho do comércio e do investimento.

Em termos jornalísticos, “O Sul Global está em jogo”. Não há clareza sobre como é que isto pode afectar o fornecimento e o comércio de VSM. A África é quase igualmente abastecida pelo leste (China) e pelo oeste (EUA e Europa) e não temos a certeza sobre como a dinâmica poderá evoluir no futuro. No entanto, registamos a incrível proeza da China na produção de vestuário barato e de baixa qualidade. Na eventualidade de interrupções no fornecimento ocidental de artigos de vestuário de luxo, prevemos que a China ganhe rapidamente quota de mercado nos países da África Subsariana, incluindo Moçambique. De igual modo, se os países da África Subsariana, como Moçambique, forem induzidos a conceder acesso preferencial ao mercado aos produtos de vestuário chineses, novos e usados, é provável que rapidamente alcancem uma posição dominante no mercado. E se a China, por razões imprevistas, não fosse capaz de vender moda e artigos de vestuário baratos e de baixa qualidade (como acontece actualmente) nos EUA e na Europa, como parte da dinâmica da guerra comercial, é provável que estes produtos fossem inundados nos mercados de vestuário africanos, afectando as vendas de artigos de vestuário mais amplas. Na nossa opinião, a China é o problema óbvio que todos ignoram.

4.5 análise do vestuário em segunda mão em Moçambique e a indústria têxtil doméstica

Para compreender a interacção entre a indústria de VSM em Moçambique e a indústria doméstica, analisámos a história da indústria têxtil moçambicana, a situação actual, os planos futuros e o impacto que o sector do VSM poderia ter. De modo geral, a fraca produção doméstica de têxteis e vestuário em Moçambique continua a ser um factor de apoio para o sector VSM.

Mais especificamente, concluímos que:

- a. A indústria têxtil e de vestuário de Moçambique praticamente não mudou desde a época colonial.** É muito pequena, e a produção mal se regista em relação às necessidades básicas de vestuário da população. Daí a prevalência do VSM desde o início da década de 1980. Desde então, e até a data, tem havido debates intelectuais intensos sobre o desaparecimento da indústria africana de têxteis e vestuário. Uma análise detalhada está para além do âmbito deste estudo. No entanto, gostaríamos de referir que alguns factores que contribuíram para o declínio parecem ser transversais a todos os países. Estes factores incluem o Programa de Reestruturação Económica do FMI (“ESAPs”), a eliminação dos subsídios (com o objectivo da sustentabilidade orçamental), o elevado custo marginal de produção e a intensa concorrência de países asiáticos como a China e o Bangladesh. Recentemente, países como Moçambique estão a registar declínios na produção interna de algodão, o que complica ainda mais as perspectivas.
- b. A falta de investimento limitou o crescimento e o desenvolvimento do sector.** Historicamente, Moçambique foi o centro de produção de algodão ultramarino de Portugal e a chave para o domínio do país na produção têxtil europeia. A indústria entrou em declínio desde a independência. Na década de 1980, o governo moçambicano visou estrategicamente a expansão com planos para uma grande fábrica têxtil em Mocuba como parte do seu “Plano

Indicativo Prospectivo³³ de dez anos. No entanto, tal nunca se concretizou devido à falta de investimento adequado. De igual modo, a instabilidade política da altura e a concorrência das importações, novas e em segunda mão, resultaram em pouco ou nenhum progresso na produção têxtil nacional, que continua em grande parte orientada para a exportação de algodão descaroçado.

c. Ultimamente, têm-se registado esforços para ressuscitar fábricas têxteis moribundas.

Estes esforços incluem o investimento de 2,5 milhões de dólares da Fundação Agha Khan na Texlom (anteriormente Moztex) em 2009³⁴. A empresa está agora totalmente operacional, emprega cerca de 1.300 trabalhadores³⁵ e é actualmente o principal fabricante de vestuário pronto a vestir do país. No ano passado, produziu mais de 5 milhões de unidades de vestuário, a maior parte das quais foram exportadas para a África do Sul. Mais recentemente, a Mozambique Cotton Manufacturers (MCM), um conglomerado de empresas moçambicanas e portuguesas, adquiriu a Riopelle, uma empresa de fabrico de têxteis que estava inactiva desde 2004³⁶. Espera-se que a MCM inicie em breve o fabrico de têxteis, empregando cerca de 750 pessoas, com o potencial de aumentar para 7.000 trabalhadores à medida que toda a cadeia de produção, desde o cultivo do algodão até ao fabrico de vestuário, se torne totalmente operacional. O capital ainda tem de ser empregue para renovar totalmente a fábrica e dar início à produção. De um modo geral, estes esforços são louváveis e, potencialmente, o início de um novo recomeço. Contudo, eles simplesmente não têm muito impacto nas necessidades de vestuário de Moçambique. Portanto, as importações, particularmente de VSM, muito provavelmente continuarão a ser a principal fonte de vestuário para a maioria dos Moçambicanos.

Os planos para reanimar e expandir a indústria têxtil de Moçambique necessitam de uma abordagem abrangente. Os países não podem produzir tudo. É necessário concentrar-se em áreas-chave de vantagem competitiva estratégica. Se o governo seleccionar o fabrico de têxteis e vestuário como uma indústria chave e estratégica (o que já fez no passado), deve igualmente reconhecer a escala de investimento necessária, reduzir o risco do investimento através da provisão de capital ou financiamento total, avaliar o custo de oportunidade do capital e a intensidade da concorrência global. Moçambique tem também a complexidade acrescida do declínio da produção interna de algodão. Durante a última década, a produção não excedeu 33.000 t/ano, abaixo do pico de 62.000t/ano em 2009³⁷. Por conseguinte, seria necessária uma abordagem integrada para aumentar a produção de algodão, a par de investimentos no sector. Até lá, é difícil prever uma substituição significativa das importações no sector do vestuário.

d. A procura de VSM só tende a aumentar. Os rendimentos reais médios de Moçambique são extremamente baixos; estimados em 530 dólares per capita por ano³⁸. Com a actual trajectória económica, não esperamos uma melhoria significativa no crescimento do PIB de Moçambique na próxima década. A promessa das descobertas de gás natural foi usurpada pela instabilidade política nas províncias do Norte. Consequentemente, a maior parte da população continuará a depender do VSM para as suas necessidades básicas de vestuário.

Para estimar a procura futura na próxima década, partimos do princípio de que a população actual, de cerca de 34,5 milhões de habitantes, continuará a crescer à média de 2,8% da última

33 Moçambique espera reconstruir o sector do vestuário, AGOA.

34 O gigante têxtil moçambicano retoma as suas actividades com um novo nome

35 Moçambique: A rede Aga Khan espera revitalizar o gigante têxtil

36 Consórcio de algodão vai reabrir a fábrica têxtil Riopelle

37 Investir na indústria têxtil de Moçambique

38 Rendimento per capita em Moçambique (Statista)

década. Assim, mantendo-se tudo o resto constante, é provável que a população aumente em cerca de 9,6 milhões de pessoas durante o período de previsão. Assumindo o actual consumo médio anual de vestuário per capita de 1,3 kg por pessoa, e que 85% da população dependerá fortemente (mas talvez não exclusivamente) do VSM, isto traduz-se num acréscimo de 10.600 t/ano até 2034. Dito de outra forma, com os níveis de importação estimados para 2023 de 39.320 t/ano, Moçambique estará provavelmente a importar quase 50.000 dólares por t/ano de VSM nos próximos 10 anos. A nossa experiência no terreno sugere-nos que esta pode ser uma previsão conservadora.

4.6 Impacto do mercado de VSM no mercado de trabalho de Moçambique

a. A indústria de vestuário em segunda mão é um empregador significativo, apoiando os meios de subsistência em todo o país. Para contextualização, a taxa de desemprego oficial de Moçambique é actualmente de 26,1%³⁹. Em termos simples, mais de um quarto da população, ou quase 9 milhões de pessoas, estão actualmente desempregadas! As evidências no terreno sugerem que estas estatísticas não reflectem o nível de subemprego. Igualmente significativo é o facto de, para os que estão empregados, apenas 3,4% dos empregos serem considerados “formais”. Esta situação é terrível, mas também não é peculiar a Moçambique. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que pelo menos 85% da população em idade activa na África Subsaariana tem emprego informal⁴⁰. As nossas observações no terreno concordam com estas estimativas. Países como a África do Sul, a maior e mais rica da África Subsaariana, também se depara com elevados níveis de desemprego.

Neste contexto, o mercado de VSM oferece oportunidades significativas de auto-emprego em Moçambique, particularmente nas áreas urbanas e periurbanas. Concentrámo-nos em avaliar os tipos de funções e o nível de emprego, bem como o impacto nos meios de subsistência associados ao VSM.

Os tipos de funções estão bem descritos e incluem:

i. Importadores. Não existem registos fiáveis sobre o número de importadores de VSM que operam em Moçambique. Segundo o nosso inquérito, os importadores maiores e mais sofisticados são predominantemente empresas de responsabilidade limitada e, em certa medida, indivíduos ricos. Todos os importadores inquiridos operam em grande escala, adquirindo pelo menos 500 t de VSM por ano. As entidades de maior dimensão, como a ADPP, importam em média 4.500 t/ano e empregam pessoas. Utilizam mão de obra ocasional para o trabalho logístico relacionado com a carga/descarga, e pessoal permanente treinado e qualificado na triagem e reembalagem de roupa em fardos mais pequenos para venda posterior. Também desempenham funções administrativas nos seguintes domínios aduaneiros, análise de dados, contabilidade, marketing e serviços de seguros, entre outros. Em média, cada importador entrevistado empregava pelo menos sete pessoas. Os operadores maiores e mais sofisticados, como a ADPP, empregam até 300 funcionários em toda a cadeia de valor. Os importadores estão a criar oportunidades significativas de emprego formal e informal.

³⁹ Economia de Negociação: Estatísticas do Emprego em Moçambique

⁴⁰ 'Economia informal em África: Que caminho a seguir? Tornar as Políticas Responsáveis, Inclusivas e Sustentáveis'.

- ii. **Grossistas.** Estes tendem a comprar aos importadores e a vender aos retalhistas. Alguns importadores têm funções grossistas integradas. A sua dimensão é variável e a maioria opera através de uma rede de lojas em zonas estratégicas, nomeadamente perto de grandes mercados. Tendem a estar estrategicamente posicionados em todo o país. Os grossistas distribuem os fardos aos retalhistas, que podem ser empresas formais ou particulares.
 - iii. **Logística:** Os importadores e grossistas podem possuir os seus próprios meios de transporte e pessoal para transportar os fardos dos portos para os armazéns, ou dos armazéns para as instalações grossistas. A maioria, no entanto, adquire os seus serviços a empresas especializadas em transportes e logística. A maioria dos empregos é uma combinação de empregos formais (funcionários e motoristas) e informais (carga e descarga).
 - iv. **Retalhistas formais:** Alguns operadores do mercado, como a ADPP, exploram uma rede de lojas que vendem VSM. Estas lojas estão estrategicamente posicionadas em zonas de grande afluência de pessoas, nomeadamente perto de centros comerciais. Os retalhistas de VSM são institucionais (por exemplo, a ADPP) ou operados por particulares. Estes últimos são comuns nos bairros, vendendo frequentemente mercadorias mistas e de carácter geral, juntamente com o VSM.
 - v. **Retalhistas informais:** Estes são predominantemente revendedores individuais, que operam em mercados formais, bermas de estradas, esquinas de ruas, bairros, pequenas cidades e aldeias. Nas principais cidades e vilas, esta é uma actividade diária, mas nos mercados mais pequenos e nas aldeias, as visitas dos retalhistas informais podem ser semanais ou quinzenais.
 - vi. **Serviços complementares:** Estes são predominantemente trabalhos informais que consistem em fazer reparações ou alterações no VSM e serviços de lavandaria (ou seja, lavar e passar roupa). Os alfaiates eram bastante visíveis em todos os mercados que visitámos.
- b. O sector de VSM é também um empregador significativo de grupos demográficos marginalizados, particularmente jovens e mulheres.** Observámos que a proporção de vendedores do sexo feminino e masculino nos mercados era quase igual. Isto mostra que o mercado de VSM está a desempenhar um papel significativo no empoderamento das mulheres, especialmente porque a maioria dos vendedores gera também a principal fonte de rendimento dos seus respectivos agregados familiares. Por exemplo, um levantamento transversal de 113 bancas em Xiquelene mostrou 55 homens e as restantes mulheres. Na Beira, um inquérito semelhante a 84 bancas em todo o mercado mostrou 39 bancas geridas por mulheres. Não recolhemos a idade dos inquiridos, mas observámos que pelo menos 40% das bancas eram ocupadas por homens jovens e menos por mulheres jovens. Este facto pode dever-se a preocupações de segurança mais amplas.
- c. Estimámos que uma tonelada de VSM importada para Moçambique sustenta cerca de 7,8 postos de trabalho.** Foram efectuadas algumas estimativas baseadas em investigação sobre o nível total de emprego gerado pelo mercado de VSM na África Subsaariana. Dada a natureza altamente informal do sector e a ausência de inquéritos ao emprego e força de trabalho (IEF) nas famílias, é difícil fazer estimativas precisas. Além disso, as pessoas entram e saem do sector de VSM regularmente, o que torna difícil estabelecer tendências.

Um estudo muito recente sobre a África Subsariana, realizado por Feyertag, (2024) e que abrange especificamente a Guiné-Bissau, Angola, Zâmbia e Moçambique, concluiu que cada tonelada de VSM importada sustenta 6,5 postos de trabalho⁴¹. Para Moçambique, isto traduziu-se em cerca de 191.000 empregos, e quase 7% dos 2,8 milhões de empregos totais estimados nos serviços.

A nossa pesquisa e as nossas observações indicaram que o nível de VSM e de emprego ligado ao VSM em Moçambique está potencialmente a ser subestimado. Primeiro, os estudos citados sobre mercados como o de Xipamanine⁴² e Xiquelene têm quase uma década. O mercado do VSM só cresceu desde então, e a mais de 3,5% por ano (a média global) durante a última década. Além disso, com a intensificação da migração rural-urbana, é provável que o número de participantes no sector do VSM tenha aumentado paralelamente. Assim, para determinar o crescimento do sector e utilizá-lo para melhorar as nossas estimativas de emprego, utilizámos uma combinação de entrevistas e inquéritos transecto para determinar o crescimento do mercado de VSM. Em seguida, aplicámos essa taxa de crescimento às estimativas anteriores do nível de emprego do sector.

Através da análise de transectos, estimamos que o mercado de Xiquelene tem 2.950 bancas, das quais pelo menos 1.410 vendem VSM. Isto representa uma taxa média de crescimento anual de 4% durante a última década, em linha com as médias globais. Por conseguinte, uma estimativa média do nível de emprego efectuada há vários anos deveria ser aumentada em pelo menos, 30%. A utilização deste quadro e a aplicação deste “factor de crescimento” à análise de Feyertag sugere que cada tonelada de VSM importada para Moçambique sustenta agora cerca de 9,1 postos de trabalho.

Para triangular esta análise, também estimámos o emprego total dentro do sector de VSM em Moçambique através de uma combinação de estatísticas de emprego publicadas e de alguns pressupostos chave. Especificamente, partimos do estudo de Feyertag acima referido. Com um total de emprego relacionado com o VSM estimado em 190.000 e com a população urbana de Moçambique estimada em 12,1 milhões⁴³, isto equivale a 1,6 pessoas empregadas no sector por cada 100 habitantes urbanos. As observações no terreno e o nosso conhecimento da economia sugerem que esta é potencialmente uma sub-representação significativa.

Assim sendo, mesmo as nossas estimativas estavam mais próximas de pesquisas publicadas anteriormente. Em primeiro lugar, fizemos uma suposição conservadora de que cerca de 40% da forte população urbana de 12,1 milhões de moçambicanos (ou seja, 4,8 milhões) trabalha em sectores relacionados com serviços, que vão desde os sectores de alimentação, transportes, cuidados de saúde, serviços domésticos, banca, seguros e retalho (incluindo venda automática). Isto não é surpreendente, dado o pequeno sector industrial nacional. Fizemos ainda outra suposição conservadora com base nas nossas observações de campo; que 6 em cada 100 pessoas em empregos relacionados com serviços trabalham directa ou indirectamente com o VSM. Com base nesta abordagem, estimamos que cerca de 288.000 pessoas, ou seja, cerca de 2,4% do total da população urbana, trabalham directa ou indirectamente no sector de VSM. Finalmente, para determinar o rácio importação/emprego, usámos a nossa média estimada de importações anuais de VSM durante 5 anos de 36.750 t/ano; a estes níveis, cada tonelada de VSM importada para Moçambique ajuda a

41 Criação de emprego no sector africano do vestuário em segunda mão - dados de Angola, Guiné-Bissau, Malawi, Moçambique e Zâmbia

42 Riqueza dos Trapos ou Pobreza Persistente? A Vida Profissional dos Vendedores de Roupas em Segunda Mão em Maputo, Moçambique

43 Macro-tendências: A população urbana de Moçambique.

sustentar cerca de 7,8 postos de trabalho em Moçambique. Este valor é ligeiramente superior ao rácio importação/emprego de Feyertag de 6,5 postos de trabalho, mas mais próximo da nossa estimativa teórica de 9,1 utilizando uma combinação de estudos anteriores e a taxa de crescimento da indústria desde então. Estamos, portanto, muito confiantes com as nossas estimativas de emprego.

O nível de emprego de Moçambique relacionado com o VSM é semelhante ao de outros países da África Subsaariana. Cruzámos as estimativas do nosso inquérito com outros estudos publicados sobre o emprego relacionado com o VSM na África Subsaariana. Os nossos resultados são semelhantes, embora inferiores aos dos principais importadores de VSM na África Subsaariana. Alguns estudos estimam que cerca de 1,3 - e 2,9% da população urbana na Zâmbia, Gana, Malawi e Angola estão envolvidos em empregos relacionados com o VSM. Os nossos estudos confirmaram o mesmo para Moçambique. O Quénia, que é de longe o maior importador de VSM na África Subsaariana, apresenta estatísticas muito mais elevadas. Com uma estimativa de 2 milhões de pessoas empregadas no sector de VSM⁴⁴ e importações médias de 185.000 toneladas/ano, os seus rácios emprego/população urbana e importação/emprego são de 12,5 - e 10,9, respectivamente. De um modo geral, estes resultados e observações sublinham a importância crucial do sector de VSM em Moçambique e na sub-região. Nas tentativas de reduzir ou proibir o VSM devem considerar seriamente o impacto nas comunidades que delas dependem.

4.7 impacto económico a longo prazo do sector de VSM em Moçambique

O sector de VSM transformou a sorte de milhares de famílias em Moçambique. Esta secção centra-se no impacto a longo prazo nas comunidades e destaca o potencial impacto nas comunidades decorrente do banimento do VSM. Em primeiro lugar, para recapitular, Moçambique é muito pobre, e está classificado na posição 183 de 191 países no IDH da ONU⁴⁵. O desemprego é muito elevado, o salário mínimo é muito baixo, e uma grande proporção de indivíduos empregados ganha abaixo do salário mínimo. Neste contexto, estimamos que os quatro quintis mais baixos da população dependem do VSM para a maior parte das suas necessidades de vestuário. As comunidades rurais, por outro lado, dependem quase exclusivamente do VSM para as suas necessidades de vestuário. Estas estatísticas realçam o papel crítico do VSM em Moçambique e porque é que os debates sobre o sector devem ser levados muito a sério. Os erros de julgamento podem prejudicar significativamente as comunidades e a sociedade como um todo.

- a. De um modo geral, o sector do VSM dá acesso a roupa barata e de qualidade relativamente elevada para o público em geral.** De acordo com o nosso inquérito aos vendedores e compradores, o sector de VSM é altamente benéfico e transformador para os meios de subsistência das comunidades locais. Não só as roupas são baratas, como também são de muito melhor qualidade e mais duradouras em comparação, pelo menos, com alternativas novas e de baixo custo. Por exemplo, é possível comprar uma t-shirt, uns calções ou umas calças por menos de quinze meticais (MZN 20,00 ou EUR 0,30), que podem durar mais de um ano, dependendo do nível de cuidados. A roupa interior feminina, que inclui artigos altamente essenciais como cuecas e sutiã, custa entre 10 e 50 meticais. Isto ajuda a fornecer

⁴⁴ Instituto de Assuntos Económicos (IEA) (2021) "O estado do comércio de vestuário e calçado em segunda mão no Quénia
⁴⁵ UN HDI

vestuário essencial especialmente para as mulheres jovens que tendem a estar entre os grupos demográficos mais vulneráveis. A gama de produtos também é impressionante. Quase todo o tipo de vestuário está disponível, mais frequentemente a preços acessíveis, embora com diferentes qualidades.

A disponibilidade de roupa barata cria uma margem orçamental para outras despesas familiares, incluindo poupanças. Por exemplo, descobrimos que os novos artigos de vestuário vendidos nos mercados podem custar até quinze vezes mais do que os artigos equivalentes do VSM. Assim, a compra de vestuário equivalente representa uma enorme poupança que pode ser gasta noutro lugar, o que gera multiplicadores de consumo positivos significativos na economia em geral. Dito isto, é importante notar que alguns artigos de VSM de alta qualidade podem ser vendidos a retalho a preços mais elevados do que alternativas novas e de baixa qualidade.

- b. A procura é determinada pelas necessidades e pela acessibilidade dos preços.** É cíclica e sazonal, sendo sobretudo mais elevada durante o Verão, quando a disponibilidade de trabalho agrícola proporciona apoio ao rendimento. A procura é também mais forte após uma boa colheita. Os grossistas observaram que, recentemente, a recorrência de secas tem vindo a afectar as vendas. Os retalhistas e vendedores sublinharam também que as vendas de VSM são mais fortes quando a economia em geral tem um bom desempenho.
- c. Estudos anteriores relativos ao sector do VSM na África Subsaariana (ASS) estimam que cerca de 70% da população compra uma parte do seu vestuário nos mercados de VSM⁴⁶.** Outros estudos na África Subsaariana situam o intervalo entre 50 e 95%, consoante o país. Por exemplo, em Angola, pelo menos 85% da população usa pelo menos um artigo de VSM. O nosso inquérito no terreno em Maputo e na Beira, utilizou uma abordagem de amostragem aleatória, e concluiu que pelo menos 80% dos inquiridos tinham comprado um artigo de vestuário em segunda mão nos mercados locais nos seis meses anteriores.
- d. O consumo de vestuário per capita de Moçambique é bastante baixo. Estimámos que, em média, os indivíduos compram 8,5 artigos de VSM por ano.** Assumindo um custo médio de USD 0,15 por item, isto equivale apenas a um consumo per capita de USD 1,28 por ano. Isto não é surpreendente, mas é significativamente inferior ao consumo per capita estimado de USD 1,69 estimado para a região da EAC e 1,76 para a África Ocidental. Em termos de quantidade, está amplamente de acordo com as estimativas que apontam para importações per capita de VSM para países como a Guiné-Bissau. Assim, apesar dos intensos debates nos meios de comunicação social sobre o mercado de VSM, os montantes reais em causa são muito reduzidos. Para um contexto global, a média anual de comparações de consumo de vestuário per capita pode ser declarada em termos de peso, equivalendo a cerca de 1kg para um moçambicano vs. uma média de 15kg para um Europeu⁹. Dito de outra forma, um europeu consome pelo menos 15 vezes mais roupa do que o moçambicano em média!
- e. O vestuário em segunda mão estão a criar empregos com melhores salários, a aumentar os rendimentos dos agregados familiares, a aliviar a pobreza e a transformar as perspectivas futuras de muitas famílias moçambicanas.** O nosso estudo também revelou que o vendedor em média recolhe cerca de USD 650 por mês (~ MZN 42.000) de lucro. Isto é cerca de um quinto mais alto do que o rendimento nacional bruto de USD 530⁴⁷. É evidente, o comércio retalhista de VSM está a ajudar a sustentar milhares de famílias. As perturbações negativas significativas do sector teriam consequências catastróficas.

⁴⁶ Visão geral do mercado de vestuário em segunda mão na África Oriental: Análise dos factores determinantes e implicações JULHO 2017.

⁴⁷ Estatísticas do Rendimento Nacional de Moçambique

O comércio de VSM também transformou a vida de muitas pessoas e famílias em Moçambique. Muitos vendedores entrevistados destacaram como: (i) conseguiram prover o sustento das suas famílias, (ii) adquiriram abrigo, incluindo o aluguer e/ou construção de casas, e (iii) enviaram os seus filhos para a escola e universidade usando as receitas da venda de VSM. Isso teria sido literalmente impossível sem a oportunidade de vender VSM. Os multiplicadores da educação não podem ser subestimados; a capacidade de adquirir uma educação secundária significativa, e muito menos universitária, é extremamente transformadora para a vida de uma família a médio e longo prazo. É isso que está a acontecer hoje em Moçambique!

- f. Pelo menos um milhão de vidas dependem directamente do VSM. De acordo com o inquérito, mais de 90% dos vendedores de VSM entrevistados eram os principais responsáveis pelo sustento dos seus agregados familiares.** Assumindo que a média dos agregados familiares é de pelo menos quatro pessoas, e a nossa estimativa calculada de pelo menos 288.000 agregados familiares directamente dependentes do VSM, isto traduz-se em mais de 1,1 milhões de indivíduos cujos meios de subsistência dependem do sector.
- g. A média de permanência dos vendedores de VSM inquiridos variava entre 3 e 35 anos.** Em vários casos de vendedores com mais tempo de serviço, o comércio de VSM é agora multigeracional, com os pais a formarem e a passarem os “negócios” aos seus filhos. Isto era bastante comum na maioria dos mercados. **Alguns dos vendedores mais estabelecidos tinham os seus próprios colaboradores, operando uma rede de revendedores dentro do mercado ou através de uma rede de outras cidades e aldeias mais pequenas.** Trata-se de uma estrutura operacional muito mais sofisticada, que proporciona emprego remunerado.



Figura 7: Mercado aberto de VSM da Beira. O senhor à esquerda opera há 35 anos e gere uma rede bem-sucedida de vendedores de VSM. O senhor à direita opera há 33 anos e está a repassar o negócio ao seu filho (na foto)

h. Também concluímos que, em Moçambique, o VSM é, sem qualquer dúvida, o núcleo da actividade do mercado. A venda de VSM é de longe a actividade mais prolífica nos grandes mercados abertos urbanos. Atrai a afluência de pessoas, promovendo uma actividade económica mais ampla dentro destes centros urbanos. Estimámos que o comércio de VSM representa, pelo menos, 65% do volume de transacções, com os produtos alimentares em segundo lugar, com 25-30%. Se isto mudasse, e especialmente se a venda automática de VSM fosse significativamente restringida ou proibida, isto teria um impacto negativo significativo na actividade económica mais ampla em Moçambique. Sem roupa barata e de boa qualidade para atrair o fluxo de pessoas, nós argumentaríamos que a actividade nos mercados urbanos grandes e abertos cairia pelo menos em metade dos níveis actuais. Isso amplificaria os danos colaterais nas comunidades e potencialmente em toda a sociedade.

i. Os mercados de VSM ajudaram a melhorar a inclusão financeira. A capacidade dos vendedores de gerar receitas e lucros incentivou a abertura de contas bancárias para melhorar o manuseamento de dinheiro e manter depósitos em dinheiro e poupanças. Isto está a aumentar directamente a inclusão financeira. Quase todos os vendedores entrevistados tinham uma conta bancária local que transaccionava em meticais (MZN). Além disso, cerca de 26% dos vendedores entrevistados tinham recebido uma oferta de empréstimo bancário nos últimos 2 anos, que já tinham utilizado ou estavam a planear utilizar para o desenvolvimento futuro do negócio. Nenhum dos inquiridos tinha incumprido empréstimos anteriores, o que implica um fluxo de receitas constante que suporta a sua capacidade de serviço da dívida.

Outros sublinharam como tinham garantido os activos adquiridos com o produto da venda de VSM para os seus empréstimos bancários. Isto demonstra como aquilo que é visto como uma actividade económica básica pode ser extremamente transformadora para as perspectivas a longo prazo. Com base nestas observações, é evidente que uma diluição significativa ou a perda de meios de subsistência precipitaria grandes repercussões negativas nas comunidades.

j. São também vendidos no mercado artigos em segunda mão que não são vestuário. Estes incluem sacos e peluches. É potencialmente difícil justificar a importação de brinquedos em segunda mão; não se trata de artigos essenciais. Podem ser facilmente utilizados como bode expiatório por aqueles que consideram o VSM como um depósito de resíduos. Dependendo da evolução da legislação, o reforço das práticas de triagem poderia ter por objectivo eliminar os brinquedos em segunda mão das exportações de VSM.

k. O governo beneficia dos impostos sobre o sector de VSM. Este financiamento orçamental adicional é fundamental para apoiar programas sociais como a educação e os cuidados de saúde. Especificamente, Moçambique cobra tarifas de importação tanto sobre o sector de VSM como sobre a moda, às seguintes taxas:

- Direitos de importação a 20% do valor CIF;
- 16% DE IVA;
- 16% de IVA pós-venda; e
- MZN 25,00/kg de sobretaxa fiscal (traduz-se em MZN10.000 por contentor).

O nível de tributação depende da natureza das importações de VSM, nomeadamente:

- Os fardos de roupa mista (a chamada “mistura tropical”) são cobrados a uma taxa mais baixa de USD 0,187/kg, o que se traduz em quase USD 20.000 por contentor de 40 pés. Organizações como a ADPP, que importam roupa mista e operam a sua própria

operação complexa de selecção, caem nesta categoria. A nossa pesquisa sugere que menos de 15% das importações de VSM de Moçambique se enquadram nesta categoria.

- A partir de entrevistas e observações de campo com grossistas, a maioria dos importadores adquire fardos mais pequenos, que já estão pré-categorizados em tipos de vestuário/roupa e prensados. Estes atraem um direito de importação muito mais elevado de USD 0,40/kg, o que se traduz em aproximadamente USD 27.000 por contentor de 40 pés. A maioria dos importadores prefere roupas pré-seleccionadas, pois elimina a necessidade de re-seleccionar e reembalar, o que pode ser complexo e dispendioso. Pelo menos 85% das importações de VSM de Moçambique enquadram-se nesta categoria.

Para contextualizar, no nível tarifário mais baixo, um importador de escala que adquire 200 contentores de 40 pés (ou seja, 5.800t/ano) remete USD 4 milhões de impostos ao governo. A partir dos inquéritos de campo, percebemos que existem pelo menos vinte importadores significativos de VSM em todo o país, que adquirem pelo menos 150 contentores por ano. Não havia dados precisos disponíveis devido à falta de registos.

Para estimar as receitas do governo moçambicano provenientes das taxas de importação de VSM, nós:

- Usámos o nível médio anual de importação de VSM estimado em 5 anos de 36.750t/ano.

Uma vez que cada contentor de 40 pés transporta aproximadamente 26 - 29 toneladas, isto equivale a cerca de 1.340 contentores por ano.

- Assumiu-se uma divisão de 85% - 15% entre “mistura tropical” e fardos constituídos apenas por tipos específicos de vestuário. Isto foi baseado em observações no terreno e discussões com especialistas no terreno.

No seu conjunto, isto equivale a um total de receitas fiscais sobre a importação de VSM de cerca de USD 35 milhões por ano⁴⁸ que revertem a favor do governo. Estas estimativas são conservadoras, tendo em conta o elevado nível de subnotificação das importações de VSM, conforme foi realçado e discutido anteriormente.

4.8 Impacto ambiental do sector de VSM em Moçambique

A crítica mais profunda ao sector de VSM está relacionada com a gestão de resíduos e as credenciais de sustentabilidade do sector. Os críticos vêem-no como “o Ocidente a despejar os seus resíduos em África”. Por isso, alguns ambientalistas estão a pressionar para uma proibição total das exportações de VSM. Os nossos inquéritos e investigações revelaram que, embora existam motivos legítimos para o debate, as narrativas parecem sensacionalistas. A experiência de Moçambique sugere que as narrativas lineares dos media que equiparam as exportações de VSM a resíduos de vestuário são inequivocamente enganadoras.

⁴⁸ Cálculos próprios. Utiliza as importações de VSM da UN ComTrade 2019 de 34.000t e aplica uma taxa de crescimento anual modesta de 3,5% com a maioria das importações na categoria pré-triada.

- a. A compra e venda de artigos de vestuário para uso doméstico representa uma reutilização reforçada.** Dado que a indústria do vestuário é um dos piores poluidores a nível mundial, a utilização alargada do vestuário faz parte integrante dos esforços globais de reciclagem e sustentabilidade. Faz parte da economia verde e deve ser apoiada e promovida. Também parece haver uma falta de congruência e simetria intelectual entre o elogio dos comentadores ao “vestuário vintage” nas economias desenvolvidas e a estigmatização do VSM no mundo em desenvolvimento.
- b. Não há sinais de descargas de resíduos sólidos urbanos.** Investigámos as alegações de “fluxos de resíduos” em Moçambique, tanto directamente como com contactos locais centrados no desenvolvimento e na gestão de resíduos em Maputo, Beira e Nampula, as principais cidades costeiras. Não observámos fluxos de resíduos de vestuário nem montes de aterros. Os nossos contactos no terreno sublinharam que, ao longo dos anos, não tinham visto despejo de VSM ou acumulação de resíduos de VSM relacionados em qualquer escala. Também caracterizaram as alegações de fluxos de resíduos como mal orientadas e flagrantemente incorrectas. Em vez disso, o desafio era com os resíduos de plástico, e particularmente com os brinquedos baratos que são eliminados sem consideração pelo ambiente. Este facto enquadra-se na narrativa conhecida em Moçambique: As roupas não são deitadas fora. Pelo contrário, são predominantemente transmitidas e, nalguns casos, reconstituídas em novas peças de vestuário por alfaiates locais. Por exemplo, as roupas podem ser passadas entre adultos e membros mais jovens da família; das comunidades urbanas para as rurais; tal como uma T-shirt de adulto pode acabar por ser um colete de bebé, e tal como um par de calças ou saia, pode ser convertido num par de calções. A tendência é não deitar fora a roupa. Esta é uma parte crítica da compreensão da importância do VSM em Moçambique, e deve informar, e esperemos que altere, a forma como os comentadores abordam a questão das importações de VSM para os países em desenvolvimento. É importante que haja algum equilíbrio no discurso.

Para além disso, uma melhor triagem deverá contribuir para minimizar os resíduos. Os grossistas reordenam os fardos, seleccionando frequentemente erros óbvios na triagem dos fardos. Empresas como a ADPP têm um processo de triagem intenso (Fig. 8), para além de um mecanismo de feedback com os fornecedores originais para garantir que os problemas de qualidade são imediatamente levantados. Estas medidas reduzem o risco de importação de vestuário inutilizável.



Figura 8: Triagem melhorada de VSM nas instalações da ADPP, Beira

- c. A narrativa sobre a poluição causada pelos resíduos de vestuário também parece ser sensacionalista.** Os meios de comunicação social generalizam que alguns países africanos, como o Gana, têm um problema de resíduos de vestuário em certas partes da cidade capital, Acra. Não encontramos provas de problemas semelhantes nas principais cidades de Moçambique.

Mais especificamente, fizemos as seguintes observações importantes:

- i.** Os meios de comunicação social tendem a atribuir ao VSM todos os problemas de poluição relacionados com os têxteis. Isto é incorrecto e profundamente injusto, especialmente porque arrisca respostas políticas desinformadas, injustificadas e negligentes.

Em primeiro lugar, como salientámos acima, o VSM é frequentemente sujeito a uma triagem reforçada, que captura peças de vestuário de menor qualidade que são recicladas para enchimento de almofadas, tapetes e esfregonas, entre outros. **Em segundo lugar**, a indústria do VSM vai ao ponto de reciclar os materiais dos fardos e as cordas que teriam sido utilizadas para os prender. Nada é deitado fora. **Em terceiro lugar**, os costureiros trabalham nos mercados, restaurando artigos danificados e criam novos artigos a partir dos materiais de vestuário disponíveis (Fig. 9). Isto é, hiper-reciclagem e deve ser louvado. **Em quarto lugar**, simplesmente não é prática deitar fora as roupas.

- ii. Há uma falta generalizada de investigação substantiva sobre a ligação entre o VSM e resíduos de vestuário.** Conforme mencionado acima, a tendência para juntar todos os resíduos de vestuário ao VSM. Na nossa revisão da investigação publicada, encontramos numerosos relatórios de alguns países africanos que lutam contra o desperdício de vestuário. Mas não encontramos nenhuma investigação de campo bem estruturada que atribua o VSM aos resíduos de vestuário citados nos aterros. **Há presunções de que, se trata de resíduos de vestuário, então devem ter chegado ao país destinatário através do canal de importação do VSM. Trata-se de uma atribuição deficiente e intelectualmente infundada.**



Figura 9: Alfaiates em mercados de VSM remendam e recriam peças de vestuário

iii. Dados de investigação mais recentes no Gana e no Quênia sugerem que a proporção de importações de VSM que se transformam em resíduos é de apenas 2-5%⁴⁹. Isto é dramaticamente inferior às afirmações anteriores dos meios de comunicação social de 40 - 50%. As nossas observações e contactos no terreno também concordam, mais uma vez porque as roupas simplesmente não são deitadas fora. Não há evidência de fluxos de resíduos em Moçambique. Os aterros sanitários são compostos de todos os tipos de resíduos urbanos, e as roupas não são predominantes (Fig. 10). Isto também se encaixa com os relatórios gerais de que os resíduos de vestuário são menos de 3% da eliminação geral de resíduos domésticos.

Por conseguinte, sugerimos fortemente que os relatos dos meios de comunicação social que afirmam que "... grandes volumes de roupa estão a ser despejados nos cursos de água, especialmente entre algumas das maiores importações de roupa de segunda mão em África"⁵⁰, devem ser tratados com extrema cautela. O desafio do desperdício global de vestuário está largamente relacionado com o aumento da moda nova, barata e de baixo custo, incluindo a moda rápida^{51, 52}. Para resolver o problema do desperdício de vestuário, os responsáveis políticos devem concentrar-se e visar a moda rápida, tal como a Europa começou a fazer.



Figura 10: Reciclagem em aterro em Maputo. Não houve evidência de despejo de roupas

⁴⁹ Uma avaliação do impacto socioeconómico e ambiental do comércio de vestuário em segunda mão no Gana

⁵⁰ É como um poço da morte: como o Gana se tornou o depósito de lixo da moda rápida. Guardian, UK, Jun, 2023 Reino Unido, Jun, 2023

⁵¹ A moda rápida está a causar enormes problemas nos aterros sanitários. Sky News, Austrália.

⁵² Importações de vestuário usado para África afectam os ecossistemas locais e a gestão de resíduos

4.9 Expansão projectada da indústria de VSM em Moçambique nos próximos 20 anos

A falta de dados torna difícil descrever com exactidão a dinâmica da indústria de VSM e extrapolar tendências futuras, especialmente em Moçambique. No entanto, a nossa pesquisa identificou as seguintes tendências prováveis para as próximas décadas:

- a. **É provável que a procura de VSM continue a ser robusta, com um crescimento superior à actual média global de 2-3%.** Prevemos um crescimento médio anual de 4-5% durante a próxima década. Os principais factores são as fortes tendências de urbanização, o elevado desemprego, a baixa produção têxtil nacional e os baixos rendimentos per capita (persistência da pobreza). Neste cenário, o mercado de VSM continuará a fornecer acesso a vestuário barato, diversificado e acessível a milhões de moçambicanos. As tendências actuais provavelmente permanecerão enraizadas.
- b. **A política continua a ser o risco existencial a longo prazo.** Os governos nacionais têm um desejo persistente de desenvolver a sua própria indústria de vestuário e têxtil para reduzir as importações. Continuará a haver uma tendência, pelo menos dentro da narrativa política, para a redução das importações. Para Moçambique, é provável que isto continue a ser uma aspiração. A falta de investimento e a intensa concorrência global são grandes obstáculos (embora não intransponíveis) para o crescimento de uma indústria doméstica de fabrico de vestuário. Dada a escala e persistência da pobreza em Moçambique, e a procura de vestuário, concluímos que é improvável que as próximas duas décadas vejam uma mudança material na abordagem política da indústria.
- c. **O crescimento da moda rápida constitui uma ameaça a longo prazo para o sector de VSM.** Com a melhoria da eficiência tecnológica, a diminuição dos custos marginais de produção continuará a reduzir o diferencial de preços entre a moda rápida e o sector de VSM. É igualmente provável que a China continue a expandir a sua presença global através da proximidade dos principais centros de procura. Esta é uma tendência importante e de longo prazo. Se os fabricantes de moda rápida de baixo custo da China (que agora se mudaram para a África do Sul e Europa) se estabelecessem em Moçambique, e produzissem a custos ainda mais baixos, isso poderia mudar significativamente a dinâmica da indústria. Actualmente, as marcas de moda rápida sediadas na África do Sul são o maior fornecedor das principais lojas de rua de Moçambique, como a Mr. Price, Hudson, Boss, Fashion World e PEP Maputo, entre outras. Por enquanto, a diferença de preços continua a ser suficientemente grande a favor do vestuário de segunda mão.
- d. **O comércio de roupas novas importadas e de roupas produzidas nacionalmente pode coexistir com o comércio de VSM.** Há uma tendência para a exclusividade mútua no discurso público, sugerindo que ou se trata de uma nova indústria de vestuário ou de VSM. Não tem de ser esse o caso. Até à data, o vestuário clássico e a moda rápida coexistem, servindo diferentes estratos demográficos dentro dos países. Algumas pessoas compram roupa de ambos os segmentos de mercado. Mas o vencedor a longo prazo dependerá dos preços, da disponibilidade e da qualidade, por esta ordem.

Dado o desejo natural das pessoas por roupas novas, é possível prever uma fronteira teórica em que, se o preço da moda rápida continuar a baixar, acabará por conquistar quota de mercado ao sector das compras manuais. Mas não é um risco no horizonte. A longo prazo, a propensão para gastar, e particularmente em roupas novas, está ligada ao PIB per capita.

Portanto, enquanto Moçambique continuar a ser pobre, o preço continuará a ser o principal impulsionador do consumo de vestuário. Na trajectória actual, isto faz dos VSMs a principal e mais preferível fonte de vestuário.

- e. É provável que o VSM continue a ser visto como um entrave ao desenvolvimento da indústria têxtil moçambicana.** Mas esta é uma visão incompleta. A maioria dos economistas argumenta que as importações baratas diminuem as margens de lucro, diluindo a atractividade dos respectivos investimentos. Para a indústria de vestuário de Moçambique, já destacámos que o desafio é mais complexo e inclui a incapacidade de recuperar da remoção de subsídios durante os ESAPs do FMI, a falta de investimento e a forte concorrência dos principais produtores globais de baixo custo, como a Índia, a China e o Bangladesh. Não obstante, os importadores de produtos VSM podem esperar que esta angústia geral se mantenha. É também um terreno fértil para debates políticos sobre o neo-colonialismo. A nossa perspectiva é muito mais sóbria: enquanto não houver investimento para impulsionar a produção local, a necessidade estrutural de VSM persistirá provavelmente a longo prazo.

4.10 Recomendações políticas para o sector do VSM

As recomendações que se seguem reflectem a nossa percepção dos desafios actuais e futuros. Separamos as nossas recomendações em duas secções: para os responsáveis políticos europeus e para os políticos e economistas africanos.

- a. Para a Europa:** A sustentabilidade não é mutuamente exclusiva das necessidades dos outros.
- i. A UE deveria manter uma distinção entre o vestuário em segunda mão (“Têxteis e vestuário usados”) da categoria 6309 e a categoria 6310 (“Trapos usados ou novos, cordéis, cordas e cabos de matérias têxteis, em forma de desperdícios ou de artefactos inutilizados”).**
- Isto pode ter de incluir tanto a criação de uma nova categoria para “resíduos” (que actualmente não existe numa base autónoma) como a harmonização das definições nacionais. Relativamente a esta última, por exemplo, na Alemanha, qualquer peça de vestuário marcada para eliminação é considerada resíduo, o que complica a legislação relacionada com as exportações de VSM. No que diz respeito às preocupações de que os materiais da categoria 6310 continuem a ser exportados e acabem em aterros, a solução mais sustentável deveria ser a aplicação de uma triagem mais rigorosa e de controlos de exportação.
- ii. A UE pode estar a conceber uma política baseada em investigação controversa.**
- O seu actual conselho orientador, que cita artigos de Köhler et al., (2021) e Fashion for Good, (2022), sugere que as exportações para África acabam em aterros⁵³. Esta afirmação foi mal fundamentada e contestada por pesquisas recentes do Quénia, do Gana e por este relatório sobre Moçambique. Por conseguinte, propomos vivamente a realização de estudos sólidos e exaustivos para que a UE esteja totalmente familiarizada com a cadeia de valor do VSM nos países beneficiários de baixo rendimento. A experiência dos países africanos com a indústria de VSM também varia; não se trata de um modelo único para todos. As deliberações políticas da UE devem ser cautelosas e ter em conta a falta de informação. 40% do VSM da UE.

⁵³ Exportações de têxteis usados da UE

iii. É pouco provável que as proibições de exportação de VSM funcionem. Na melhor das hipóteses, ajudam a consciência colectiva da Europa em matéria de sustentabilidade. No entanto, é extremamente improvável que outras jurisdições importantes sigam o exemplo. O mais provável é que a China quota de mercado resultante. A reacção dos EUA aos planos da EAC de proibir o VSM também dá o tom: não há intenção de proibir as exportações de VSM e devem aplicar-se as regras normais do comércio. Para além disso, as proibições de VSM criarão provavelmente um vazio na oferta, que será muito provavelmente preenchido por uma nova moda barata, de baixa qualidade e não durável. Isto será contraproducente para as iniciativas globais de sustentabilidade. Por último, os dados sugerem que as proibições de importação apenas empurram a oferta para outras jurisdições; uma espécie de jogo de soma zero. Por exemplo, em 2016, a proibição quase total do Ruanda ao VSM resultou num aumento de 23% nas importações de VSM do Quénia. Suspeitamos que uma dinâmica semelhante se seguirá. A falta de harmonia na formulação de políticas globais cria oportunidades de arbitragem, inclusive para os revendedores de VSM.

iv. O sector da economia social deve ser abordado com cuidado e diligência. O sector pode ser insignificante de uma perspectiva europeia, mas é fundamental para o sustento das comunidades que vivem na pobreza. É uma fonte de vestuário e de rendimento, transformando a sorte futura. Proibir o sector da pesca seria extremamente prejudicial para as comunidades. O discurso sobre a sustentabilidade e a gestão dos resíduos deve ser contrabalançado com o impacto nas sociedades directamente dependentes do VSM. Neste contexto, acreditamos firmemente que **o direito ao vestuário deve ser visto como um direito humano inalienável**⁵⁴. Os esforços para aumentar a responsabilidade da indústria do vestuário são louváveis e devem ser conjugados com o reforço das práticas de gestão de resíduos nos países importadores. Trata-se de uma responsabilidade colectiva.

- b.** Para os governos e responsáveis políticos de África. As aspirações devem ser ancoradas no pragmatismo. O desejo de elevar o continente nas cadeias globais de valor de fabrico é, de facto, importante, incluindo no vestuário. No entanto, os responsáveis políticos devem igualmente ter em conta os milhões de pessoas que dependem do VSM. Trata-se de um acto de equilíbrio.
- i.** i. Para impulsionar a indústria têxtil local, considerar colaborações estratégicas entre países. Isto melhorará as perspectivas de mobilização de capital. Uma vez que os países não podem produzir tudo por si próprios, esta cooperação estratégica permite centrar-se em áreas em que os países e o continente podem ganhar vantagem à medida que procuram um maior desenvolvimento económico. Isto pode incluir a definição de iniciativas estratégicas a nível da AfCTA.
 - ii.** II. A competitividade é fundamental. A longo prazo, a competitividade é o principal factor de sucesso a longo prazo de um sector. No caso do vestuário, a África terá de enfrentar produtores de baixo custo estabelecidos e competentes, como a Índia, o Bangladesh e a China. Beneficiará de mão de obra barata e da produção local de algodão, mas necessitará também de um forte investimento em capital, a níveis competitivos, para ter êxito. Por conseguinte, ao definir a estratégia de desenvolvimento a longo prazo, é importante avaliar igualmente o custo de oportunidade de escolher uma cadeia de valor em detrimento de outra.

⁵⁴ Reafirmar o direito a vestuário adequado no direito internacional dos direitos humanos.

- iii. O impacto da China na indústria têxtil nacional é, sem dúvida, mais difícil do que o da indústria do VSM. A penetração da China nos mercados africanos de vestuário é pouco apreciada. Consequentemente, é também o obstáculo mais subestimado ao renascimento dos têxteis em África. A China é actualmente o maior exportador de vestuário para o continente; 18% dos seus quase 270 mil milhões de dólares em exportações globais de vestuário chegam às costas africanas⁵⁵. O aumento da quota de mercado da China tem sido igualmente fenomenal. Por exemplo, o crescimento das exportações para a EAC excedeu 300% entre 2012 e 2016, muito acima do crescimento de 200% das importações globais de vestuário para a região durante o mesmo período. Dada a proeza do fabrico da China, é muito provável que estes ganhos tenham sido tanto em VSM como em vestuário novo, barato e de baixa qualidade.

Actualmente, a maioria dos países africanos não parece estar a captar adequadamente o comércio de vestuário com a China. Por exemplo, a partir de 2015, registos de exportações de vestuário da China para a EAC eram pelo menos 10 vezes superiores às importações reportadas pela EAC⁵⁶. Consequentemente, há uma subestimação significativa da quota de mercado que a China controla e capturaria se o comércio de artigos de vestuário e de higiene pessoal entre a UE e África fosse significativamente restringido ou proibido. Consideramos que esta deve ser uma consideração fundamental para os responsáveis políticos europeus e africanos.

- iv. Existe uma oportunidade para formalizar os mercados de produtos de origem animal, aumentar as receitas fiscais e utilizá-las em iniciativas de desenvolvimento. Para o efeito, é necessário remodelar os mercados e melhorar a sua organização através da criação de bancas de venda efectivas, com os vendedores a pagarem as rendas e os impostos devidos aos governos locais. O governo de Moçambique já está a testar esta iniciativa, mas sob os auspícios mais amplos da “formalização dos comerciantes informais”. Aceitamos que isto seria provavelmente um desafio em termos ópticos, mas ainda assim consideramos que é uma forma pragmática de melhorar a estrutura e a cobrança de receitas de um sector que continua a crescer na economia em geral.
- v. O mercado de VSM é também uma fonte de actualização de competências da mão de obra. Como já foi referido, a cadeia de valor da VSM inclui várias competências profissionais, nomeadamente o comércio, o transporte, a selecção e a comercialização. Estas competências podem ser transferidas para o mercado de trabalho formal, onde existe a necessidade e a oportunidade de as adquirir

⁵⁵ Exportações de vestuário da China, Solução de comércio mundial integrado.

⁵⁶ A eliminação progressiva das importações de vestuário em segunda mão: que impacto terá a Tanzânia?

5.0 Conclusão

O sector de Vestuário em Segunda Mão é de importância crítica para milhões de Moçambicanos comuns. Fornece vestuário barato e acessível, emprego especialmente para grupos demográficos marginalizados, tais como mulheres e jovens, ajuda a melhorar a qualificação da força de trabalho, e ancora os rendimentos e meios de subsistência dos agregados familiares. Muitos vendedores de VSM são os principais responsáveis pelo sustento do agregado familiar e conseguiram fornecer alimentos e abrigo, construir casas próprias, pagar a educação e/ou obter crédito bancário, entre outros, tudo a partir das actividades de venda de VSM. Isto transformou as perspectivas de futuro de muitas famílias. A narrativa é consistente com relatórios de investigação publicados sobre a indústria de VSM em toda a África Subsaariana, particularmente entre os maiores importadores, como o Gana, o Quênia e a Tanzânia. Por conseguinte, se for posta em causa, as repercussões para os milhões de pessoas que já vivem na pobreza serão bastante prejudiciais.

Não houve evidência de despejo de resíduos de roupa em segunda mão em Moçambique. Os relatos da imprensa sobre fluxos de resíduos de VSM ou aterros são infundados e, na nossa opinião, inexactos. De facto, a evidência é o contrário. Não existe uma cultura de despejo de roupas em Moçambique; em vez disso, as roupas são passadas adiante, e/ou recicladas em novas peças de vestuário.

Além disso, os relatórios potencialmente enganadores de despejo de VSM foram refutados por vários pesquisadores, incluindo esta pesquisa. Portanto, os responsáveis políticos precisam de ter cuidado e não se deixar influenciar por relatos sensacionalistas dos meios de comunicação social.

Existem actualmente receios de que a União Europeia possa restringir ou proibir severamente as exportações de VSM. Esta situação decorre de uma iniciativa da Dinamarca, da Suécia e da França no sentido de proibir a exportação de resíduos têxteis perigosos, que são considerados prejudiciais para o ambiente. Os importadores de VSM receiam que a ambiguidade de “resíduos têxteis”, que ainda não foi definida como uma categoria comercial, possa resultar num “resultado global”, precipitando uma restrição significativa das exportações de têxteis usados. De acordo com a nossa investigação, é pouco provável que a Europa proíba as exportações de VSM. No entanto, esperamos que a triagem reforçada se torne obrigatória a partir de 2025-26. Esta medida insere-se no esforço global do bloco para reduzir a exportação de vestuário inutilizável para África e Ásia. Os importadores devem acompanhar atentamente o debate, caso este evolua de forma diferente da trajectória actual.

No entanto, os governos e os responsáveis políticos africanos continuam a colocar desafios a este sector. Muitos acreditam que as importações de VSM estão a minar os esforços para ressuscitar as indústrias têxteis locais. Trata-se provavelmente de uma simplificação excessiva das questões herdadas. Além disso, é necessário um montante significativo de investimento para atingir uma massa crítica e uma vantagem estratégica no fabrico de vestuário, competindo ao mesmo tempo com titãs globais como a Índia, a China e o Bangladesh. Actualmente, o financiamento disponível não tem correspondido à escala e às aspirações necessárias, e especialmente ao nível da procura de vestuário em Moçambique.

Assim, concluímos que existe um risco mínimo de o governo moçambicano actual, ou os futuros, legislarem no sentido de limitar as importações de VSM. Ainda assim, recomendamos que se tenha

cuidado com a complacência; os ventos políticos mudam frequentemente. Actualmente, o governo tem uma posição neutra em relação ao sector do VSM, equilibrando a necessidade de apoiar uma indústria têxtil doméstica crescente com o fornecimento de acesso a vestuário básico para milhões de cidadãos pobres. O governo também beneficia da tributação das importações de artigos de vestuário para uso doméstico, proporcionando o tão necessário apoio ao fisco e aos programas sociais. Também notamos que as principais agências de desenvolvimento, tais como a ADPP, estão a usar as receitas das monetizações de VSM para desenvolver escolas, colégios, universidades e implementar programas de desenvolvimento agrícola e de saúde em Moçambique, e com resultados fenomenais. Isto realça a importância secundária da indústria do VSM.

Os responsáveis políticos deveriam adoptar a tendência global para a reutilização do vestuário, prolongando o seu prazo de validade. Isto faz parte integrante das iniciativas globais de sustentabilidade. Nesta base, a indústria do vestuário de protecção solar tem fortes credenciais e não precisa de ser vista como uma ameaça. Pelo contrário, é capaz de prosperar ao lado da indústria doméstica de fabrico de vestuário.

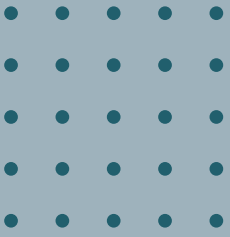
Por último, em África, a China continua a ganhar rapidamente quota de mercado, tanto no vestuário usado como na moda rápida, e a beneficiar da sua proeza de longa data como produtor de baixo custo. É improvável que se conforme com os resultados da política da UE, mas estará provavelmente preparada para tirar partido de qualquer redução das importações de artigos de vestuário da Europa para África. Por conseguinte, os responsáveis políticos da UE devem ter uma visão global dos resultados políticos pretendidos. O reforço da triagem e da gestão dos resíduos de vestuário, sem proibir a indústria, deverá ajudar a gerir as preocupações dos principais interessados.

6.0 Bibliografia

1. Anon (2012). Mozambique hopes to rebuild clothing sector. Malaysia National News Agency. Retrieved April 7, 2023.
2. African ministers adopt ban on trade of second-hand clothes. The New Times.
3. Angola: Exchange rates, import duties complicate second-hand clothes market. Aman Business News.
4. Brooks, (2013). Stretching global production networks: The international second-hand clothing trade
5. Brooks, (2012). Riches from Rags or Persistent Poverty? The Working Lives of Second-hand Clothing Vendors in Maputo, Mozambique.
6. Calabrese et al (2017). The phase-out of second-hand clothing imports: what impact for Tanzania
7. China Apparel Exports, World Integrated Trade Solution.
8. Climate Change & Fashion Waste Colonialism. Our News.
9. Cotton consortium to reopen Riopelle textile factory. Just Style.
10. Diamond, (2024). The Second-Hand Clothing Industry in the East Africa Community. Mitumbi Association
11. European Environmental Agency (2023). EU exports of used textiles in Europe's circular
12. European Commission (2022). Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions: EU strategy for sustainable and circular textiles (COM(2022) 141 final).
13. European Economic Area (2022). Textiles and the environment: the role of design in Europe's circular economy. EEA Briefing, European Environment Agency () accessed 29 September 2022.
14. European Union (2015). Commission Decision of 3 May 2000 replacing Decision 94/3/EC establishing a list of wastes pursuant to Article 1(a) of Council Directive 75/442/EEC on waste and Council Decision 94/904/EC establishing a list of hazardous waste pursuant to Article 1(4) of Council Directive 91/689/EEC on hazardous waste (notified under document number C(2000) 1147) (Text with EEA relevance) (2000/532/EC) (OJ L 226, 6.9.2000, p. 2-46)
15. EU (2022). EU's strategy for sustainable and circular textiles.
16. EURIC (2023). LCA - based assessment of the management of European used textiles
17. Fast fashion causing massive landfill problems. Sky News, Australia.
18. Fashion for Good (2022). Sorting for Circularity Europe: an evaluation and commercial assessment of textile waste across Europe.
19. Feyertag, (2024). Job Creation in Africa's Second-hand Clothing Sector Evidence from Angola, Guinea-Bissau, Malawi, Mozambique and Zambia.

20. Ghana's textile sector denounces waste allegations. MRW News.
21. Graham, L. (2023). Reasserting the Right to Adequate Clothing in International Human Rights Law.
22. Investing in the Mozambique textile industry. Fondazione Aurora.
23. Income Per Capita in Mozambique (Statista)
23. 'Informal Economy in Africa: Which Way Forward? Making Policy Responsive, Inclusive and Sustainable'.
24. 'It's like a death pit': how Ghana became fast fashion's dumping ground. Guardian, UK. Jun, 2024.
25. Institute of Economic Affairs (IEA) (2021). 'The State of Second-Hand Clothes and Footwear Trade in Kenya'.
26. Köhler, A., et al., (2021). Circular economy perspectives in the EU textile sector: Publications Office of the European Union, Luxembourg
27. KPMG: 2022 Revista 100 Maiores Empresas de Moçambique
29. Macro-trends: Mozambique's urban population.
28. Mozambique: Government announces new minimum wages for the private sector.
29. Mozambique hopes to rebuild clothing sector, AGOA.
30. Mozambique textile giant resumes operations under new name. Global Times
31. Mozambique: Aga Khan network hopes to revitalise textile giant. Club of Mozambique.
32. 'NA MUMU DEY GO BOUTIQUE': The Essential Economics of Nigeria's Okrika Industry. The Republic
33. Norup, N (2019). Replacement rates for second-hand clothing and household textiles – A survey study from Malawi, Mozambique and Angola.
34. OECD, (2023). Extended producer responsibility and economic instruments.37. OEC data, Fig 2.
35. OnePlanet (2024). The rise and rise of second-hand fashion 39. Organisation of Economic Complexity: Used Clothing and Textiles.
36. Peter M. (2005). Strategies for Mozambique's Textile and Apparel Sector, Nathan Associates Inc. Retrieved April 5, 2023.
37. Republic of Mozambique Permanent Mission of the Republic of Mozambique Geneva: Briefing.
38. Sandin, G. and Peters, G. M., (2018). 'Environmental impact of textile reuse and recycling – a review', Journal of Cleaner Production 184, pp. 353-365 (DOI: 10.1016/j.jclepro.2018.02.266).
39. Sustainable Modelling : Embracing Eco-Friendly Practices In The Fashion Industry.
40. Sustainable Amor (2020). 'Explaining used clothing import bans
41. Sumo et al, 2023). An assessment of Africa's second-hand clothing value chain: a systematic review and research opportunities
42. The Quality of Second-Hand Clothes Imported to Kenya and the Associated Environmental Impacts.

- 43.** The Economist. The Environmental Cost of Creating Clothes
- 44.** Trzepacz, S., et al., (2023). LCA-based assessment of the management of European used textiles, EuRIC
- 45.** TRALAC (2019). Africa's Second Hand Clothing Market.
- 46.** Trading Economics: Mozambique's Employment Statistics.
- 47.** UK Parliament (2019): Fixing fashion: clothing consumption and sustainability.
- 48.** UN Comtrade 'Database' (<https://comtrade.un.org/data>) accessed August 2024.
- 49.** UN Comtrade (2022b). 'EU exports of used textiles to other regions, 2000, 2010 and 2019, per cent' (<https://comtrade.un.org/data>). Accessed August, 2024.
- 50.** UN Comtrade (2022c). 'EU27 exports of used textiles, by receiving country, 2000, 2010 and 2019, million kilograms' (<https://comtrade.un.org/data>) accessed August, 2024.
- 51.** UN Comtrade (2022d). 'Exports of used textiles to the rest of the world, EU28, 2000–2019, by weight (million tonnes) and value (EUR million)' (<https://comtrade.un.org/data>) accessed August, 2024.
- 52.** UN Comtrade (2022e). 'Total exports of used textiles by region, 2000, 2010 and 2019, per cent by weight' (<https://comtrade.un.org/data>) accessed August, 2024.
- 53.** UN Statistics Division (2022). Statistical Yearbook, Appendix I - Country and area nomenclature, regional and other groupings, New York, USA.
- 54.** Uganda bans imports of used clothing from 'dead people'. Reuters.
- 55.** US gripes over Uganda's ban on imports of Second Hand Clothes. Yarns And Fibre.
- 56.** United States International Trade Commission, AGOA: Trade and Investment Performance Overview.
- 57.** Used clothing imports to Africa strain local ecosystems, waste management. EarthBay.National Catholic Reporter.
- 58.** USAID,(2017). Overview of the Second-hand Clothing Market in East Africa: Analysis of Determinants and Implication.
- 59.** Vera S., Jamie A. M., and Stephen K. (2021). The African Continental Free Trade Area: A Historical Moment for Development in Africa. Journal of African Trade, 8(2), 12-23.
- 60.** Watson, D., et al., (2016). Exports of Nordic used textiles: fate, benefits and impacts, TemaNord Report No 2016:558. Nordic Council of Ministers.
- 61.** Wale-Oshonowo et al., (2022). Least Developed Countries in Africa. Palgrave School of Global Security Studies



 abalon

